



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA**

**MARCELO PEREIRA CUSTÓDIO**

**O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE *O BANCO DO BRASIL*  
DE EUCLIDES NETO**

Salvador

2012

**MARCELO PEREIRA CUSTÓDIO**

**O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE *O BANCO DO BRASIL*  
DE EUCLIDES NETO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, para fins de avaliação e defesa.

Orientadora: Profa. Dra. Sílvia Maria Guerra Anastácio

Salvador

2012

Sistema de Bibliotecas da UFBA

Custódio, Marcelo Pereira.

O processo de criação de *O Banco do Brasil* de Euclides Neto/ Marcelo Pereira Custódio. - 2012.  
97 f. : il.

Inclui apêndices.

Orientadora: Profª. Drª. Sílvia Maria Guerra Anastácio.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2011.

1. Euclides Neto, 1925-2000. O menino traquino : crônicas políticas e crônicas leves.
  2. Criação (Literária, artística, etc.). 3. Crítica genética. 4. Manuscritos brasileiros. 5. Autógrafos.
- I. Anastácio, Sílvia Maria Guerra. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 801.959

CDU - 801.73

Dedico esta dissertação:  
à minha esposa, Andréa;  
aos meus filhos,  
Gabriel e Maria Luísa;  
à minha mãe, Teresinha;  
pela paciência, pelo carinho (...);  
e ao meu pai  
Reinildo (em memória);  
pelo incentivo à descoberta.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, obrigado pela colaboração e pelos ensinamentos.

À minha orientadora, Profa. Dra. Sílvia Maria Guerra Anastácio, que, pacientemente, aguardou que eu encontrasse o meu caminho.

À família de Euclides Neto por permitir o acesso ao material destinado a esta pesquisa. Em especial, a Patrício Rezende Teixeira Neto e Angélia Jaqueira Teixeira por fornecerem informações sobre a vida do autor, e a Denise Mendonça Teixeira por ter cedido a entrevista que se encontra no corpo deste trabalho.

À minha esposa, Andréa, pelo carinho, apoio e compreensão conferidos durante todo o percurso desta caminhada.

Aos meus filhos, Maria Luísa e Gabriel, pelos dias ausentes e, apesar de tão pouca idade, pelo entendimento da importância deste trabalho em minha vida. A Gabriel, mais uma vez, por ter me ajudado com os equipamentos de gravação para a realização da entrevista de Denise.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa.

*A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso;  
a palavra foi feita pra dizer.*

Graciliano Ramos, 1948.

## RESUMO

Esta pesquisa de mestrado tem como objetivo investigar o processo de criação do manuscrito autógrafo, com mais de uma versão, do texto "O Banco do Brasil" da obra *O menino traquino: crônicas políticas e crônicas leves*, publicada em 1994, do autor Euclides Neto. Justifica-se por se tratar de uma obra narrada numa região cacauzeira, que teve um papel importante na vida econômica daquele espaço regional e da Bahia. Buscou-se estudar o processo de criação da obra a fim de buscar esclarecer porque o autor fez determinadas escolhas na feitura de seu texto, que carrega informações preciosas sobre fatos históricos, econômicos e sociais daquela época; assim, dar-se-á a oportunidade do leitor de interpretar e analisar a época descrita pelo autor. A metodologia aplicada é a proposta pela Crítica Genética e, segundo a teórica Almuth Grésillon (2007), o pesquisador deve: reunir, classificar, decifrar, transcrever e editar dossiês manuscritos para que se possa traçar o caminho da escritura de um texto. Essas etapas apresentam características diferentes em cada caso, conforme o estado em que se encontra cada manuscrito. Este trabalho abrirá espaço para que novas pesquisas com o acervo do autor sejam desenvolvidas.

Palavras-chave: Crítica Genética. Manuscrito autógrafo. Processo de criação.

## ABSTRACT

This master's dissertation aims to investigate the creative process of autograph manuscript in more than one version of the text *O Banco do Brasil* in *O menino traquino: crônicas políticas e crônicas leves*, Euclides Neto's masterpiece, published in 1994. This research is justified by analyzing a text, narrated in a cocoa region, and that portrays the economic lives of people from that region, at its economic peak. This work has focused on the creative process of such a text so as to clarify the possible reasons why the author made certain choices when writing it. Then, this analysis will shed light to precious pieces of information along socio-economic and historical facts of that time. The methodology is the one proposed by Genetic Criticism and, according to the theorist Almuth Grésillon (2007), the researcher has to follow working steps, such as: collect, classify, decipher, transcript and edit manuscripts so as to try to trace the creative pathway of a text. Finally, this work can generate future dissertations starting from the analysis of Euclides Neto's dossier.

Keywords: Genetic Criticism. Autograph manuscript. Creative process.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Escritura linear	20
Figura 2 - Escritura tabular	20
Figura 3 - Manuscritos	23
Figura 4 - Livros	23
Figura 5 – Livro com recordes do “Jornal de Ipiaú”	24
Figura 6 – Reportagem sobre a Reforma Agrária – Jornal Tribuna da Bahia	24
Figura 7 - Capa do livro	25
Figura 8 - Folha de rosto	25
Figura 9 – Chapéus e facão	31
Figura 10 - Chapéus	31
Figura 11 – Primeira capa externa – Caderno de manuscrito	37
Figura 12 – Primeira capa interna – Caderno de manuscrito	37
Figura 13 – Segunda capa interna – Caderno de manuscrito	37
Figura 14 – Segunda capa externa – Caderno de manuscrito	37
Figura 15 – Manuscrito 1- O Banco do Brasil f.1 anverso	38
Figura 16 – Manuscrito 1- O Banco do Brasil f.1 verso	38
Figura 17 – Manuscrito 1- O Banco do Brasil f.2 anverso	38
Figura 18 – Manuscrito 1- O Banco do Brasil f.2 verso	38
Figura 19 – Manuscrito 1- O Banco do Brasil f.3 anverso	39
Figura 20 – Manuscrito 1- O Banco do Brasil f3 verso	39
Figura 21 – Manuscrito 2- O Banco do Brasil f.1 anverso	39
Figura 22 – Manuscrito 2- O Banco do Brasil f.1 verso	39
Figura 23 – Manuscrito 2- O Banco do Brasil f.2 anverso	40
Figura 24 – Manuscrito 2- O Banco do Brasil f.2 verso	40
Figura 25 – Manuscrito 1- O Banco do Brasil f.3 anverso	40
Figura 26 – Manuscrito 2- O Banco do Brasil f3 verso	40

Figura 27 - O Banco do Brasil p. 80	41
Figura 28 - O Banco do Brasil p. 81	42
Figura 29 - Datiloscrito da autobiografia de Euclides Neto (fólio 1)	44
Figura 30 – Datiloscrito da autobiografia de Euclides Neto (fólio 2).	45
Figura 31 – Fólio 1 anverso – Manuscrito 1	46v
Figura 32 – Fólio 1 verso – Manuscrito 1	48v
Figura 33 – Fólio 2 anverso – Manuscrito 1	50v
Figura 34 – Fólio 3 anverso – Manuscrito 1	52v
Figura 35 – Fólio 3 verso – Manuscrito 1	53v
Figura 36 – Fólio 1 anverso – Manuscrito 2	55v
Figura 37 – Fólio 2 anverso – Manuscrito 2	57v
Figura 38 – Fólio 2 verso – Manuscrito 2	59v
Figura 39 – Fólio 3 anverso – Manuscrito 2	60v
Figura 40 – Fólio 3 verso – Manuscrito 2	61v
Figura 41 - Chapéus	91
Figura 42 – Jornal Tribuna da Bahia	91
Figura 43 – Euclides Neto se torna prefeito de Ipiaú – 30/10/1962	91
Figura 44 – Euclides Neto se torna prefeito de Ipiaú – 30/10/1962	92
Figura 45 – Primeiro jornal de Ipiaú – 10/02/1960	92
Figura 46 - Primeiro jornal de Ipiaú – 10/02/1960	92
Figura 47 – Livros de Biografias e Ciências Agrárias	93
Figura 48 – Obras de escritores brasileiros	93
Figura 49 – Dicionários, obras de Padre Antônio Vieira e William Shakespeare	93
Figura 50 – Retrato de Euclides Neto	94
Figura 51 – Livros de Ciências Humanas	94
Figura 52 – Escrivadinha de Euclides Neto	94
Figura 53 – Armário com documentos	94
Figura 54 - Obras de escritores brasileiros	95

Figura 55 - Obras de escritores brasileiros	95
Figura 56 - Obras de escritores brasileiros	95
Figura 57 – Entrada principal da biblioteca	95
Figura 58 - Livros de Ciências Humanas	96
Figura 59 – Livros de Ciências Humanas	96
Figura 60 – Livros de Ciências Humanas	96
Figura 61 - Enciclopédias	96
Figura 62 – Canto de leitura na biblioteca	97
Figura 63 – Visão panorâmica à direita da entrada	97

**Obs.: v: verso da folha.**

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	63
Tabela 2	64

## LISTA DE SÍMBOLOS

[ ] eliminação

< > acréscimo

< [ ] > acréscimo suprimido

/ / inferência, leitura conjecturada

>> acréscimo na margem direita

<< acréscimo na margem esquerda

^ acréscimo na entrelinha superior

v acréscimo na entrelinha inferior

^^ acréscimo na entrelinha superior, acima de outro acréscimo na entrelinha superior

[ ] / \ substituição por sobreposição na relação [substituíto] /substituto\

Ω deslocamento

@ busca na internet

{ } comentários do pesquisador

† ilegível

(*sic*) transcrição literal

// opções

/ quebra de linha

Obs. Códigos acima usados no grupo de pesquisa sobre Crítica Genética, coordenado pela Professora Doutora Sílvia Maria Guerra Anastácio.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	13
<b>2 A CRÍTICA GENÉTICA</b>	17
2.1 O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE <i>O BANCO DO BRASIL</i>	17
<b>3 O AUTOR E A SUA OBRA</b>	23
3.1 <i>O BANCO DO BRASIL</i> E O PANORAMA SOCIAL DA REGIÃO CACAUEIRA	24
<b>4 O DOSSIÊ GENÉTICO DE <i>O BANCO DO BRASIL</i></b>	34
4.1 DESCRIÇÃO FÍSICA DO CADERNO, MANUSCRITOS 1 E 2, TEXTO IMPRESSO E DATILOSCRITO	34
4.2 TRANSCRIÇÃO DOS MANUSCRITOS 1 E 2	46
<b>5 LEITURA DOS MANUSCRITOS</b>	63
5.1 ANÁLISE DOS DOCUMENTOS DA GÊNESE DE <i>O BANCO DO BRASIL</i>	63
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	72
<b>REFERÊNCIAS</b>	74
<b>APÊNDICE A</b> - Entrevista de Denise Mendonça Teixeira, concedida em Salvador no dia 8 de janeiro de 2012	76
<b>APÊNDICE B</b> - Fotos tiradas por Marcelo Pereira Custódio na biblioteca de Euclides Neto em Ipiaú em junho de 2011	91

## 1 INTRODUÇÃO

O contato com os manuscritos do autor Euclides Neto, possibilitou o desenvolvimento de estudos no campo da Crítica Genética, considerando-se que esse eixo teórico-metodológico foi aplicado à análise do dossiê de criação em análise. A maior parte das obras publicadas do autor está documentada por manuscritos de diversas formas, repletos de rabiscos na horizontal, vertical e diagonal; ou ainda, a topografia da página é marcada, com frequência, por espaços em branco, além de desenhos. Enfim, há marcas recorrentes, que denunciam um estilo de escritura particular, o qual merece ser analisado.

Ao entrar em contato com o espaço de criação do autor, a sua biblioteca em Ipiaú, região sul da Bahia, em 2009, foi possível conhecer esse acervo literário. Naquele local, se encontra toda a sorte de documentos diversos e objetos referentes à sua obra, dentre os quais podem ser citados: manuscritos – cadernos, agendas, bilhetinhos, logo, rascunhos variados, além de recortes de jornais, comentários de outras pessoas sobre a sua obra, enciclopédias, livros referentes à literatura brasileira e estrangeira, dentre outros materiais.

Em conversas com pessoas da família, em novembro de 2009, foi mencionado, ainda, que esse autor baiano, Euclides José Teixeira Neto (1925-2000), nascido no povoado de Jenipapo, hoje Ubaíra, tivera muita influência na região cacaueira de Ipiaú. Ele exerceu diferentes papéis sociais na comunidade em que viveu, destacando-se como advogado e escritor. Como advogado, sempre lutou a favor dos trabalhadores rurais e, filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), foi prefeito do município de Ipiaú (1962), preocupando-se sempre com as causas trabalhistas e defendendo a reforma agrária. Em vida, publicou treze livros.

Diante de tanto material disponível, era necessário delimitar o *corpus* que passaria a ser objeto da investigação científica que se desejava realizar. Privilegiou-se, então, manuscritos do texto *O Banco do Brasil*, publicado dentro da coletânea de crônicas *O Menino Traquino* (1994). Tal escolha deve-se ao fato de o autor gostar da funcionalidade desta Instituição perante o trabalhador rural. A crônica escolhida, no entanto, foi escrita muito antes dessa coletânea, publicada em jornal, no ano de 1988.

Havendo uma miríade de documentos manuscritos a serem analisados, impunha-se a necessidade de optar por um método adequado para análise e, para esse fim, a Crítica Genética foi escolhida, pois apresentava os recursos necessários ao estudo do referido processo de criação. Aliás, os estudos desenvolvidos para o surgimento da , em 1960, nasceram da necessidade de uma experiência com manuscritos autógrafos, muito semelhante

àquela que será descrita neste trabalho de dissertação. O que fazer com tantos e tão variados papéis? Como lidar com os documentos dentro de um rigor científico, seguindo padrões coerentes e consistentes?

Dentro do método de análise da Crítica Genética, que norteou a metodologia de trabalho desta pesquisa, não é o texto impresso que interessa, mas o seu prototexto. O termo, proposto e definido por Jean Bellemin-Noël (1972, p.15), refere-se ao: “conjunto constituído pelos rascunhos, pelos manuscritos, pelas provas [...], visto sob o ângulo do que precede materialmente uma obra, quando essa é tratada como um *texto*, e que pode formar um conjunto com ele”. Portanto, o prototexto ajuda a resgatar o processo de criação de uma obra e, segundo Biasi (1997, p. 2), “a [...] não tem outra finalidade senão a de reconstruir uma história do ‘texto em estado nascente’”. Também, é relevante levar em consideração as palavras de Grésillon (2007, p. 29): “[...] o pesquisador reúne, classifica, decifra, transcreve e edita dossiês manuscritos que se tomou como hábito de chamar de ‘prototextos’[...]”. De modo que, foram estes os passos principais que orientaram o *modus faciendi* desta pesquisa genética.

A fim de elucidar pistas da escritura de Euclides Neto, foi necessário percorrê-la através de seus manuscritos, antes de chegar ao texto que foi entregue ao público. E sobre os manuscritos, Duarte (1997, p. 11) diz:

O manuscrito elevado à categoria de *objecto de estudo*, e, em todos os casos, à *documento*: um registro escrito de actos e de pensamentos próprios de um tempo para uso de outro tempo (perspectivas *histórica* e *filológica*, formuladas cientificamente sobretudo a partir do século XIX), e um registro de comportamentos de escrita de alguém para contemplação alheia (perspectiva *manuscriptológica*, que encara o Manuscrito *per se*).

Ainda citando Grésillon (2007, p. 51-2), pensa-se que, para fundamentar tal estudo genético dos manuscritos de Euclides Neto, considera-se a relevância da Crítica Genética por ser um campo:

[...] rico em questões teóricas, e isso se relaciona com a complexidade e com a riqueza do próprio objeto. O manuscrito literário oferece, com efeito, uma materialidade literalmente proteiforme, que não tem muita coisa a ver com o aspecto de uma página impressa. A um “bloco” regular, justificado à direita e à esquerda, destacando-se claramente no retângulo branco da página, construído sobre um modelo fixo de número de linhas e apresentado a imutabilidade de um tipo de impressão gráfica, o manuscrito opõe uma escrita “em estado selvagem”, em que cada página possui sua forma e sua semiótica próprias: liberdade de gestão do espaço gráfico, variabilidade da orientação, do comprimento e do número de linhas, riscos e acréscimos cujo traçado trai, com muita frequência, um estado particular de pulsões e de afetos. [...] O objeto dos estudos genéticos é o manuscrito *de trabalho*, aquele que porta os traços de um *ato*, de uma enunciação em marcha, de uma criação que está sendo feita, com seus avanços e seus bloqueios, seus acréscimos e seus riscos,



seus impulsos frenéticos e suas retomadas, seus recomeços e suas hesitações, seus excessos e suas faltas, seus gastos e suas perdas.

Levando-se em consideração os documentos do autor disponíveis para serem analisados, pôde-se observar que o desafio seria traçar o processo de criação da crônica *O Banco do Brasil*. Quais seriam os possíveis caminhos a serem percorridos diante de tantas informações? Dentre as possíveis etapas metodológicas para clarear este estudo genético, buscou-se, primeiramente, datar os documentos analisados, pois todos os manuscritos observados estão sem datas. Tal procedimento ajudaria a relacionar as informações disponíveis entre si e, assim, buscar refazer, tanto quanto possível, o processo em questão.

Para que esta pesquisa pudesse se desenvolver, o trabalho foi dividido em etapas, como segue: 1) Introdução, em que se delinea o objeto de estudo, os objetivos, a justificativa, e a metodologia a ser adotada; 2) O processo de criação de *O Banco do Brasil* através da Crítica Genética; 3) Apresentação do autor Euclides Neto e sua obra, privilegiando-se a crônica *O Banco do Brasil*, objeto de estudo deste trabalho; 4) Descrição e transcrição dos manuscritos selecionados para melhor visualizar o texto escrito pelo autor; 5) Leitura interpretativa do processo criativo de *O Banco do Brasil*; 6) Considerações finais, apontando para outros possíveis trabalhos no âmbito dos estudos da Crítica Genética.

Para realizar o processo de criação, foi necessário se valer dos operadores da Crítica Genética que são utilizados no grupo de pesquisa da Professora Doutora Sílvia Maria Guerra Anastácio do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Seguem os operadores:

[ ] eliminação

< > acréscimo

<[ ]> acréscimo suprimido

/ / inferência, leitura conjecturada

>> acréscimo na margem direita

<< acréscimo na margem esquerda

^ acréscimo na entrelinha superior

v acréscimo na entrelinha inferior

^^ acréscimo na entrelinha superior, acima de outro acréscimo na entrelinha superior

[ ] / \ substituição por sobreposição na relação [substituíto] /substituto\

Ω deslocamento

@ busca na internet

{ } comentários do pesquisador

† ilegível

(sic) transcrição literal

// opções

/ quebra de linha

Em seguida, há o aprofundamento de como poderá ocorrer o processo de criação da obra do escritor Euclides Neto por meio da Crítica Genética.

Do ponto de vista metodológico, na subseção 4.2 TRANSCRIÇÃO DOS MANUSCRITOS 1 E 2, os fac-símiles dos manuscritos serão impressos no verso da folha anterior a fim de mantê-los face a face com as suas respectivas transcrições.

## 2 A CRÍTICA GENÉTICA

Abaixo é relatado o processo de criação de *O Banco do Brasil* através do eixo teórico-metodológico da Crítica Genética.

### 2.1 O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE *O BANCO DO BRASIL*

A Crítica Genética nasce na década de 1970 com a necessidade de satisfazer um novo olhar à pesquisa literária francesa. Segundo Grésillon (2007, p. 19)

Esse novo olhar implica, senão uma escolha, no mínimo preferências: as da produção sobre o produto, da escritura sobre o escrito, da textualização sobre o texto, do múltiplo sobre o único, do possível sobre o finito, do virtual sobre o *ne varietur*, do dinâmico sobre o estático, da operação sobre o *opus*, da gênese sobre a estrutura, da enunciação sobre o enunciado, da força da escrita sobre a forma do impresso.

Assim, o conjunto de manuscritos, colocados numa ordem coerente, compõe a pré-história de um texto cuja escritura carrega traços de todo o processo de criação dessa obra. E qual é a sua finalidade? Uma das finalidades é tornar disponível, acessível e legível os documentos autógrafos que contribuíram para o surgimento de um texto e que servem de testemunhas materiais dos movimentos de sua criação. Para isso o pesquisador deve reunir, classificar, decifrar, transcrever e editar (neste trabalho não se realizará edição) dossiês manuscritos. Com isso, o geneticista tenta refazer os caminhos da escritura com seus acréscimos, supressões, substituições, permutas... A partir dessas redes de operações genéticas, é possível, então, formar hipóteses sobre as trilhas percorridas pelo autor.

Segundo Grésillon (2007, p. 51), o campo da Crítica Genética é rico em questões teóricas e isso se deve à riqueza e complexidade do próprio objeto. Cada página possui sua própria semiótica, em que há liberdade de gestos no espaço gráfico de uma página. Nesta a comunicação ocorre através de signos verbais, mas também não verbais, como desenhos, rabiscos, acréscimos, cancelamentos. Esse espaço gráfico ou a topografia da página em que o manuscrito de trabalho se inscreve, passa a ser o suporte para o qual o geneticista se debruça o estudo. É nesse espaço que estarão impressas as marcas do autor em relação à sua época, às suas influências, ficando ali registradas as leis de um determinado processo.

Para Grésillon (2007, p. 54) o manuscrito literário moderno pode ser classificado como objeto material, objeto cultural e objeto de conhecimento.

Em relação ao objeto material o manuscrito moderno pode ser observado sob quatro diferentes parâmetros: o suporte, o instrumento (ferramenta), a escrita e o espaço gráfico. As primeiras inscrições foram realizadas sobre a pedra, depois sobre o papiro e sobre o pergaminho; posteriormente, por volta da Idade Média, ocorreu, então, a escrita sobre o papel. A partir de meados do século XIX, o papel torna-se o suporte mais utilizado, por ser de fabricação industrial e, portanto, relativo baixo custo. Os papéis manuscritos podem apresentar todas as variações de formato, de espessura e de cor possíveis. Ou se apresentar em ou estarem dispostos, em um dossiê, sob diversas formas como: folhas soltas, de cadernos, de bloco de anotações, de agendas, as quais podem estar paginadas ou não, escritas no anverso e/ou verso – informações que ajudam o geneticista a entender o percurso de escritura do autor. Na contemporaneidade, nos defrontamos com a tecnologia digital, sendo que, hoje, o computador tornou-se um suporte importante na história da criação.

Para falar do item instrumento ou ferramenta de trabalho, Grésillon (2007, p. 61) menciona Roland Barthes devido à sua obsessão como- instrumentos gráficos:

Eu mudo de instrumentos com bastante frequência pelo simples prazer. Experimento outros novos. Aliás, tenho canetas em demasia. Não sei em mesmo o que fazer delas. Em todos os lugares, assim que as vejo elas me dão vontade. Não posso deixar de comprá-las. Quando as hidrográficas apareceram no mercado, gostei muito delas. (O fato de que elas fossem de origem japonesa, confesso, não me aborrecia). Desde então, eu me cansei delas porque têm o defeito de engrossar um pouco rápido demais. Utilizei igualmente a pena: não a Sergent-Major, que é seca demais, mas as penas mais macias como a “Gif”<sup>1</sup>. Em resumo, experimentei de tudo... exceto a ponta Bic com a qual decididamente não sinto nenhuma afinidade. Eu diria mesmo um pouco maldosamente que existe um “estilo Bic”, que é realmente uma “cópia vomitada”, uma escrita puramente trasladada do pensamento. Definitivamente, volto sempre para as boas canetas-tinteiro. O essencial é que elas me propiciem esta escrita macia da qual não abro mão em absoluto (entrevista para Jeanlouis de Rambures, em 7 de setembro de 1973, retomada em *Le grain de la voix*, Le Seuil, 1981, p. 170-174).

Grésillon (2007) ainda relata que vários autores preferem o uso do lápis, pois é possível passar a borracha sem deixar marcas ou rastros, por exemplo: Florence Dlay, Daniele Sallenave, Friedrich Dürrenmatt. Outro testemunho, dado por um romancista suíço contemporâneo, Horst Bienek, denuncia o seu *affair* pela máquina de escrever:

---

<sup>1</sup> “Gif” é uma espécie de gíria de JIF, que era o nome da empresa fabricante das canetas da marca *Waterman* na França.

Eu me obrigo a me instalar diante de minha máquina. Nenhuma ideia. Sentimento de paralisia. Aumento o aquecedor, sirvo uma taça de vinho. Três dias depois, a página ainda está em branco. Começo a datilografar. A primeira frase. Não me agrada, riscó-a, datilografo uma outra. Eu a cubro igualmente de “x” para apaga-la. Coloco uma nova folha. Sem parar, novos começos em novas folhas. Uma página com muitas correções fere os olhos. Então, mais uma vez, uma nova folha, um novo começo, uma nova esperança, um novo fracasso.

Pode-se notar, assim, que há toda uma série de conflitos, cuidados e até possíveis “exageros”, quando se fala desses estudos da criação. É possível estudar a conexão existente entre autor e obra, já que a escritura passa pela sua mão, seja ela impulsionada pelos movimentos da própria mão que toma o lápis ou a caneta, seja pelos dedos no teclado de uma máquina de escrever – hoje mais raro – ou do computador; mas tudo isso acontece sendo lapidado pelos olhos exigentes do escritor. O fato que a Crítica Genética depende dos vestígios deixados pelo autor para buscar aproximações com um projeto mental que se tornou texto. Embora se questione se a tecnologia do computador não irá funcionar como exterminador desses vestígios de trabalho, o que se tem constatado é que tal tecnologia tem gerado outros manuscritos digitais ricos para serem analisados.

O terceiro parâmetro a ser levado em consideração é a escrita que deixa marcas do traçado do manuscrito cujos movimentos revelam os caminhos percorridos pelo autor. Há traços que correm pela folha, seguem adiante, retornam, interrompem-se, modificam-se, são substituídos, esboçam rasuras, apertam-se, espalham-se, enfim, tudo isso através das letras ou desenhos ou outra forma de representação como: mapas, cores, siglas, códigos crípticos, sinais de estenografia.

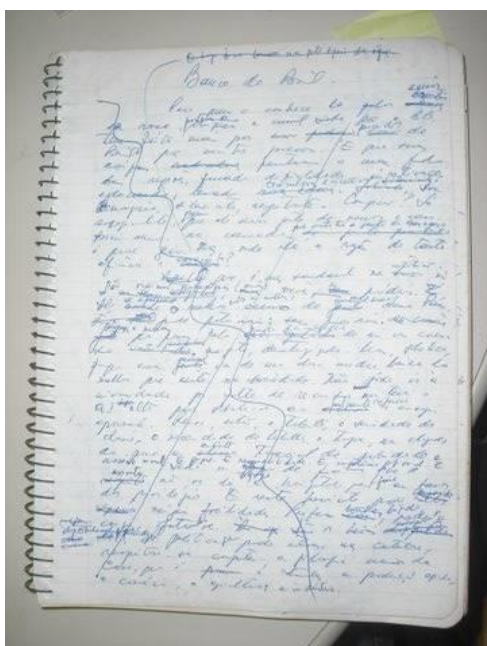
A escrita também revela traços culturais. Em certas obras da Idade Média, por exemplo, os copistas e os escribas deviam traçar as letras sem apoiar a mão no suporte com o objetivo de assegurar a legibilidade de um texto sob a forma de livro manuscrito. Assim a cultura escrita era o trunfo de uma sociedade laica e burguesa da qual se distinguiam as sociedades avançadas das sociedades marcadas por uma cultura oral. Daqui partem os movimentos de alfabetização na Europa de onde a Alemanha se destaca, pois era necessário ler a Bíblia nas regiões protestantes. Agora, pergunta-se para que saber tanto sobre uma história longínqua se o geneticista data de uma época contemporânea? Vale lembrar que, segundo Grésillon (2007, p. 72):

Hoje em dia os sistemas de escrita são estáveis, as ferramentas, as práticas e os gestos são muito menos. Nada de revolucionário, certamente, mas bastaram menos de duas gerações para que o aluno passasse da lousa para o computador; menos de cinquenta anos para que se utilizasse sucessivamente o caderno pautado ou quadriculado, os fichários para as folhas destacáveis, a pena, a caneta-tinteiro (de recarga ou de cartucho), a caneta esferográfica, a bic e a hidrográfica. Tais mutações

no que Perucci chama de *il rapporto di scrittura* não teriam, realmente, influência sobre os gestos do escritor de hoje e de amanhã? Nietzsche, adepto ferrenho da bem recente invenção da máquina de escrever, sabia pertinentemente que “nossas ferramentas de escrita participam da elaboração de nossas ideias”.

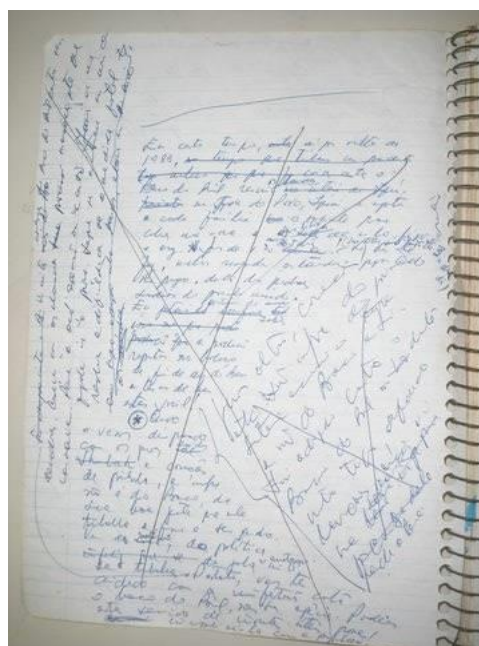
Por último, considere-se que o espaço gráfico representa o espaço da escritura. Nesse espaço, há uma explosão de sinais gráficos do qual o geneticista deverá tirar o máximo proveito, ou seja, estará encarregado de decifrar os indícios espaciais e que também aparecem como marcas temporais, pois que refletem a cronologia das operações da escritura. Muitas vezes, é difícil saber por onde começar ou qual a ordem de precedência entre uma nota escrita à margem e o corpo do texto. Por qual extremidade do documento deve-se começar a análise? A esse respeito, Grésillon (2007, p. 76) oferece dois grandes dispositivos para a localização da escritura no espaço gráfico: a escritura tabular e a escritura linear. Importa saber qual o início do enredo e segui-lo numa ordem cronológica – especificamente no caso da escritura linear, que parece ser bastante comum nas escrituras. Na tabular, o autor deixa a caneta ou outro instrumento qualquer correr por onde bem entender a fim de não bloquear o fluxo de ideias. Poderá ocorrer o preenchimento de todo o espaço gráfico, o que dificultará a análise por parte do geneticista; então, o geneticista pode se utilizar a estratégia de separar a escritura em blocos – escritura tabular – a fim de determinar, ali, uma ordem cronológica.

Figura 1 - Escritura linear



Fonte: Caderno de manuscrito de Euclides Neto, [198-].

Figura 2 - Escritura tabular



Fonte: Caderno de manuscrito de Euclides Neto, [198-].

Ainda em relação ao espaço gráfico, há uma peculiaridade, sobre as margens, que vale ser destacada. Podem-se distinguir dois tipos de escritores: aqueles que deixam sistematicamente largas margens em branco e aqueles que não o fazem, recobrando todo o espaço disponível. No caso do primeiro, os espaços “reservados” que foram deixados podem ser ocupados por escrituras futuras quando finalizado o uso do espaço gráfico. Segundo Grésillon (2007, p. 80), esse espaço chamado de “reservatório de ideias” tem sua função no curso da escritura e acham-se aí registradas ou “inseridas em memória” o que deve constar daquele determinado texto em construção.

O geneticista, ao ter contato com o espaço da escritura, pode visualizá-lo de uma só vez, como se fosse um gráfico, o que lhe passa uma certa impressão sobre o modo de escrever daquele determinado autor. A partir dessas impressões, percebe-se que há autores em que a escrita se aperta cada vez mais na base da página, como se quando virasse a página o fluxo de ideia se interrompesse abruptamente. Levando-se em consideração essa ideia, pode-se detectar uma vantagem na escritura via computador em que não há limites de espaço contínuo. O autor poderá escrever sem se preocupar com o fim da página.

Portanto, no espaço gráfico, tem-se a impressão ora de uma escritura fluída, ora de uma escritura cheia de rasuras. A maioria dos autores, inclusive, parece carecer de adequar o seu texto à topografia da página em branco, a cada momento da escritura – escritura com rasuras no ato do escrever. Mas há outros que parecem ter o texto pronto na cabeça e o expõe como se fosse um pensamento de um único jato – ajustes ficam para outros momentos.

A rasura pode ser entendida como um ato de perda e ganho. Perda no sentido de anular o que foi escrito; mas, ao mesmo tempo, essa perda torna o trabalho do geneticista mais excitante pelo fato de lhe oferecer mais vestígios. Assim, a rasura se converte num elemento capaz de confirmar a dimensão temporal própria a todo processo de escritura. Ela pode se apresentar em três formas diferentes: a primeira, visível, permite ao leitor restituir o que foi rasurado; a segunda, também visível, mas que não lhe permite restituir o escrito, quando a rasura se encontra encoberta por manchas ou borrões; e, a terceira, em que se apresentam reescrituras sucessivas, não facilmente visualizadas a princípio.

As reescrituras podem estar posicionadas de quatro maneiras diferentes. A primeira mostra as unidades rasuradas e de reescrita numa linearidade, geralmente representando uma palavra ou um grupo de palavras. A segunda posição encontra-se no espaço interlinear, primeiramente acima da linha. A terceira, na ausência de espaço, a reescritura é efetuada logo abaixo da linha. Finalmente, a quarta, chamada de forma imaterial, sem a presença da rasura, a reescritura aparece em outro espaço da mesma página ou, até mesmo, numa outra página.

Todas essas reescrituras são importantes no trabalho de análise do crítico genético, fazendo o manuscrito parte do patrimônio cultural. Pode-se então propor um contraste entre o manuscrito moderno e o manuscrito antigo, sendo o primeiro um manuscrito executado pelo próprio autor, enquanto o segundo, em geral, teria sido executado por um copista. O primeiro é um documento particular em que o autor imprime para si mesmo os estados sucessivos de um texto em elaboração; o segundo é um documento feito para ser publicado, já que o surgimento da imprensa adveio tempos depois e essa era a forma de fazer circular o texto. O primeiro é um documento de criação e o segundo um documento de reprodução e de transmissão.

Dessa maneira, os manuscritos antigos representam textos prontos para circulação e não seriam valorizados especialmente como documentos de gênese para estudo do processo de criação de uma obra em devir. Eruditos os editam e esses manuscritos, ao mesmo tempo, representam símbolo de riqueza para aqueles que os possuem. Assim, essa atividade de escrita visava o registro e a transmissão de textos, que funcionariam como documentos da memória cultural.

Grésillon (2007, p. 114) menciona que, para Bernard Cerquiglini, “o rascunho torna-se desejável quando o texto se fixa e seu autor tem direitos” sobre ele. E, mesmo com a invenção da imprensa, grande acontecimento do século XV, que contribuiu para a fixação do texto num estado de “múltiplo imutável” (GRÉSILLON, 2007, p.114), os manuscritos continuaram a ter o seu apreço e sua aura única continuaria sendo valorizada por muitos pesquisadores.

Assim, o interesse pelo manuscrito cresceu, especialmente na França, logo após o final da segunda guerra mundial, quando houve a aquisição de acervos de manuscritos modernos. Em 1962, a *Bibliothèque Nationale* adquiriu o acervo de Marcel Proust com 75 cadernos de rascunhos (GRÉSILLON, 2007, p.121). Com o seu valor cultural oficializado, também o valor mercadológico dos documentos cresceu, tornando-se objeto de especulação financeira.

Nessa época, nasce, então, na França, um campo de pesquisa chamado Crítica Genética, que tem o manuscrito literário moderno como seu objeto de estudo, ratificando o seu estatuto de objeto de conhecimento. Os rascunhos literários passam a ser, para o geneticista, peças importantes para que se possa trilhar o caminho da escritura de um autor e para a busca de elucidação do mecanismo dessa escritura, havendo, até mesmo, dependendo do caso, a conectividade com o próprio escritor.

A próxima etapa se refere à apresentação da relação de Euclides Neto e sua obra.



### 3 AUTOR E SUA OBRA

Euclides Neto, em vida, publicou treze livros. Entre suas obras destacam-se: *Porque o homem não veio do macaco* (1945), *Berimbau* (1946), *Vida Morta* (1947), *Os Magros* (1961), *O patrão* (1978), *Comercinho do Poço Fundo* (1979), *Os Genros* (1981), *64: Um Prefeito, a Revolução e os Jumentos* (1983), *Machombongo* (1986), *O Menino Traquino* (1994), *A Enxada* (1996), *Dicionareco da Roças de Cacau e Arredores* (1997), *Trilhas da Reforma Agrária* (1998) e *O Tempo é Chegado* (2001) publicação póstuma. Alguns desses nomes reaparecerão na próxima subseção com mais detalhes.

Fui à casa do autor três vezes para coletar dados sobre a vida e suas obras. Na primeira ida, em meados de fevereiro de 2011, fui levado por um de seus filhos, Patrício Rezende Teixeira Neto, o qual me mostrou a localização dos manuscritos e demais objetos e livros. Lá pude verificar que tudo estava aparentemente muito organizado.

Figura 3 - Manuscritos



Fonte: CUSTODIO, Marcelo Pereira. *Fotos da biblioteca de Euclides Neto*. 2011

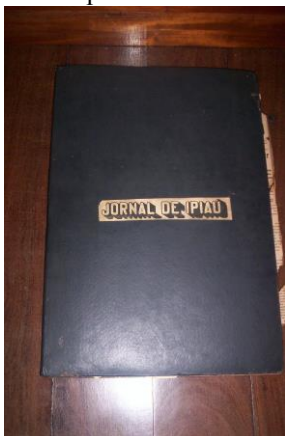
Figura 4 - Livros



Fonte: CUSTODIO, Marcelo Pereira. *Fotos da biblioteca de Euclides Neto*. 2011

Na segunda vez, ocorrida no final de abril de 2011, fui recebido pela esposa do escritor, Sra Angélica Jaqueira Teixeira, que demonstrou alegria em falar sobre seu marido. Sempre enfatizando sua admiração pela natureza e compaixão pelos mais necessitados, principalmente os trabalhadores rurais. Pela idade avançada, não pudemos conversar muito, mas me deixou à vontade para coletar informações em meio a tantos papéis.

Figura 5 – Livro com recordes do “Jornal de Ipiáú”.



Fonte: CUSTODIO, Marcelo Pereira. *Fotos da biblioteca de Euclides Neto*. 2011

Figura 6 – Reportagem sobre a Reforma Agrária – Jornal Tribuna da Bahia



Fonte: CUSTODIO, Marcelo Pereira. *Fotos da biblioteca de Euclides Neto*. 2011

Em junho de 2011 fui pela terceira vez e, então, tive permissão para fotografar alguns documentos e a biblioteca. Lá estive para investigar mais sobre o texto *O Banco do Brasil*.

A seguir passo informações sobre a vida do autor e suas obras, contando com a participação de uma de suas filhas, Denise Mendonça Teixeira, que me concedeu uma entrevista.

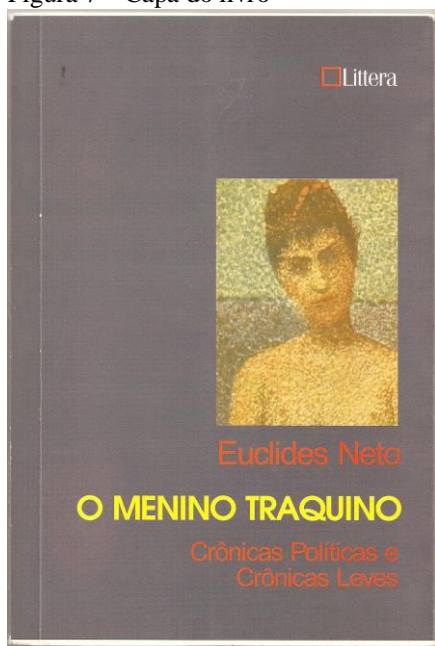
### 3.1 O BANCO DO BRASIL E O PANORAMA SOCIAL DA REGIÃO CACAUEIRA

Todo o acervo literário do autor se restringe à sua biblioteca particular onde são encontrados diversos documentos e objetos referentes à sua obra. Entre eles, a obra *O Banco do Brasil*. Para elucidar sobre a vida do escritor, há uma bela menção na a orelha do livro *O Menino Traquino*, de Waly de Oliveira Lima:

O Euclides Neto é um ser privilegiado. Consegue, ao mesmo tempo, ser rural e urbano. Quando digo rural, poderia dizer mateiro. Dos bons. Sabedor de tudo que diz respeito às coisas do campo. Entende de mandioca e casa de farinha, de criar cabras, de coisas de curral, de fazer requeijão, domar burro bravo, comprar e vender gado, plantar cacau, secar café, fazer rapadura, ferrar cavalos, assuntar o tempo, construir casa de sopapo, curar bicheira, pegar passarinho, moquear tatu, amansar boi-de-arrasto, consertar uma arreata, e por aí vai, lista não tem fim; meu querido amigo Euclides é do mato, mesmo, pra roceiro nenhum zombar dele.

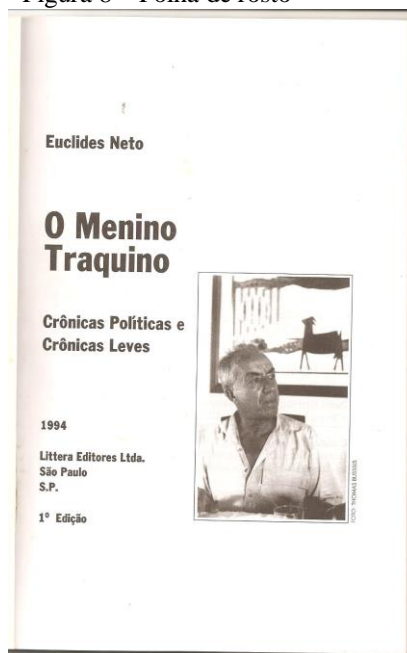
Ao mesmo tempo, o Euclides é da cidade, estudante brilhantíssimo, advogado do primeiro escalão, político de largos horizontes, administrador de honra ilibada, romancista tecedor de histórias notáveis, retratista, como poucos, dos tipos mais característicos da região onde vive (Orelha, 1994).

Figura 7 – Capa do livro



Fonte: NETO, Euclides. *O menino traquino: crônicas políticas e crônicas leves*. São Paulo: Littera, 1994.

Figura 8 – Folha de rosto



Fonte: NETO, Euclides. *O menino traquino: crônicas políticas e crônicas leves*. São Paulo: Littera, 1994.

E para ilustrar melhor a vida e a obra de Neto, como mencionado acima, a sua filha, Denise Mendonça Teixeira, concedeu uma entrevista na sua casa de praia em Salvador no dia 8 de janeiro de 2012. Passo, então, a comentar e relatar esta entrevista cuja descrição se encontra no APÊNDICE A.

No início da entrevista, pude perceber que Denise era uma pessoa bastante informal e gostava muito de falar sobre a obra do pai. Inclusive, não quis ser chamada de herdeira, como me referi a ela no início da entrevista, mas filha. Segundo suas palavras, ela acha que as pessoas não herdam e quando se fala de herdar algo, geralmente, se referem a uma herança material e ainda enfatiza que a principal coisa que os filhos herdaram de Euclides Neto não foi a herança material, mas sim, a forma dele ser.

Euclides Neto nasceu em Ubaíra hoje um município, mas que na época se chamava Jenipapo. Saiu de lá com os pais, aos cinco anos, porque uma crise de café tinha acabado com o plantio do café, na região e, na época, a família tinha produção de café. Então, na verdade, os pais saíram de onde moravam por causa dessa crise financeira e foram para Ibirataia, cidade próxima a Ipiauí.

Euclides Neto inicia sua educação formal entre os sete e oito anos de idade. Denise diz que “ele tem como professora uma mulher que ele chama de leiga porque ela sabia muito pouco, mas era a professora da região”. Ela foi a professora das primeiras letras de Euclides Neto que cursa o nível primário em Ibirataia – na época se chamava Tesouras. Denise ainda comenta “meu pai tinha uma admiração profunda por essa professora porque era uma pessoa que conseguia dar conta das crianças da região”, isto é, era uma pessoa que conhecia bem a cultura local e sabia lidar com as crianças de lá, e completa “o que uma professora de nível médio não conseguiria”. Após o término do primário, o avô de Denise vende parte do gado, que não era muito, para que Euclides Neto possa cursar a quinta série [*hoje sexto ano*] no colégio interno Antônio Viera em Salvador. Após terminar o ensino ginasial, Euclides Neto é transferido para o Colégio Central, pois seu pai já não dispunha de recursos suficientes para sustentá-lo num colégio particular. Nessa época ele conhece o Padre Torrend que vai lhe dar trabalho para ele possa custear seus estudos. O trabalho é num pensionato, uma espécie de casa de repouso, em Itaparica e, então, Euclides Neto passa a fazer travessias diárias para a ilha.

Entretanto, a proximidade dele com os jesuítas do Colégio Antônio Vieira lhe permite descortinar um mundo novo; este mundo desperta-lhe o gosto pelo conhecimento, pela ciência, especialmente dedicando-se ao português, à literatura. O Padre Torrend vai ser uma espécie de tutor e, ainda no colegial [*hoje ensino médio*], Euclides Neto escreve um ensaio, que se chama *Por que o homem não veio do macaco*. A escrita para ele se torna fundamental e passa a fazer parte de sua vida, desde cedo.

Mais tarde, faz vestibular – nesse momento, já lia os clássicos – e vai morar numa pensão muito barata porque era o que ele podia pagar, mas, nessa época, já tinha acesso às bibliotecas; é o momento que descobre os autores russos, passando a ler, cada vez, mais e mais. Por volta dos quinze anos, ele começa a escrever. Segundo Denise, “a escolha da carreira pelos meandros do Direito talvez tenha sido porque era uma carreira valorizada, que sinalizava uma família que podia dar condições de estudo, e também pela construção do texto – o curso de Direito exige textos bem elaborados e o mais preciso possível – no exercício da carreira”. Denise ainda comenta que “o pai de Euclides Neto apesar de ser de poucas letras, era um homem que escrevia bem e isso foi uma herança que meu pai herdou de meu avô”. Medicina seria outra opção a seguir, mas ela não lhe permitiria desenvolver uma escrita tão elaborada quanto o Direito.

Euclides Neto ia todas as férias de Salvador para Ipiaú e lá trabalhava na fazenda do pai. Na mesma época, seu pai acabaria se endividando e quase perde a fazenda. Euclides Neto

passa a ir mais frequentemente a Ipiaú. Entretanto, seu pai passa por uma situação financeira delicada e, no último ano de sua faculdade, Euclides Neto tem que passar quinze dias em Salvador e os outros quinze em Ipiaú, ajudando a mãe a reerguer a produção da fazenda. Segundo Denise, seu avô era uma pessoa irresponsável, apesar de considerado um homem engraçado e inteligente. Assim, Euclides Neto desenvolve o gosto pela terra e começa a observar melhor a vida do trabalhador rural, que executava um trabalho braçal, como construir cercas, cuidar do gado, e plantar cacau.

Diante de tal experiência no campo, Euclides Neto passa a valorizar o trabalho braçal que, para ele, tinha tanta importância quanto o trabalho intelectual. Entre idas e vindas (Salvador e Ipiaú) ele acaba conhecendo sua esposa, Angélica Jaqueira Teixeira, que era de Ipiaú e tinha um irmão que possuía um tabelionato, que foi herdado de seu pai. Com o casamento, Euclides Neto teve a oportunidade de valer-se do tabelionato – em Ipiaú que, na época, só tinha um advogado – para desenvolver suas habilidades na área do Direito. Acabou fazendo uma carreira bastante segura e reconhecida.

Apesar disso, Euclides Neto não era um homem que simplesmente queria produzir, ganhar dinheiro e viver a vida pensando nele próprio. Era um homem que olhava para o vizinho, olhava para o trabalhador rural. O interesse de Euclides Neto era sempre o outro, era melhorar as condições do homem pobre, das pessoas abandonadas, daquelas para quem ninguém olha para quem o Estado não olha. Daquele homem que é analfabeto, que não tem uma casa, que não tem trabalho, ou quando o tem, é miserável; daquele homem que não consegue alimentar os filhos. Mas também das mulheres que ficam com os filhos quando os homens vão embora; das mães de família que precisam trabalhar para dar comida a seus filhos.

Então, Euclides Neto tinha um olhar, em primeiro lugar, para esse sujeito. Quando ele escrevia para o jornal, quando ele escrevia o seu texto literário, era nessas pessoas que ele pensava, era o seu mote. O que fazer para que essas pessoas melhorassem suas condições de vida? Ele usava o seu entendimento de mundo para pensar nessas questões sociais e políticas.

A região sempre teve muitos problemas de exploração do trabalhador rural porque o cacau dava muito dinheiro, mas o trabalhador ganhava pouco e não tinha direitos - décimo terceiro, férias, dentre outros. Acompanhando de perto a vida desses trabalhadores, Euclides Neto sente a necessidade de regularizar a vida do trabalhador rural e começa a defender questões que ninguém queria aceitar, como defender os posseiros - pessoas que, às vezes, ocupavam as terras daquela região por muito tempo, mas que não tinham documentos e nem dinheiro para pagar por aquelas terras. Ele começa a ver muita injustiça no exercício do

Direito e passa a zelar pelo trabalhador. Euclides Neto se torna um estudioso do ser humano e, para isso, ele soma ingredientes do seu aprendizado no contato com a literatura e com a prática adquirida nas relações que mantinha com os menos favorecidos.

Ao mesmo tempo em que ele estava preocupado com a política mundial, também já tinha toda uma consciência ambiental, na década de 1960. Essa consciência, tão comum hoje, Euclides Neto já demonstrava, ao pegar madeira queimada e transformá-la em móveis para a fazenda. Inclusive, Euclides Neto buscou preservar, ao máximo, a mata da região, até para que os seus netos pudessem conhecê-la. Era um visionário.

A Literatura e o Direito andam de mãos dadas na vida de Euclides Neto, que sempre haveria de atuar como advogado de defesa, nunca de acusação. Atuou na área criminal e ganhava todos os processos que defendia. A partir daí, ele começa a ser conhecido na região, mas nessa época, ele ainda não escrevia textos literários.

Euclides Neto inicia-se como escritor com o livro *Por que o homem não veio do macaco* em 1945; em 1946 escreve *Berimbau*, quando cursa a faculdade; e em 1947, é a vez de *Vida morta*. Fica sem escrever até 1961. A pausa de cerca de dez anos – na década de 1950 – é devido a muito trabalho na profissão. Ele era incansável, sempre trabalhando sozinho, pois não tinha sequer uma secretária. Fazia de tudo, escrevendo à máquina, atendendo pessoas. Escrevia todas as peças jurídicas sozinho e sempre fez anotações, andava com sua canetinha no bolso. Em 1961 ele publica *Os Magros* e em 1962 ele entra para a política como prefeito e leva quatro anos trabalhando muito, nesse cargo. Para, então, de trabalhar na área de Direito, passando a atuar como administrador. Mas o que estaria acontecendo fora daquele mundo onde Euclides Neto escrevia e que haveria de influenciar o seu texto?

O final da década de 1950 é marcado pela Revolução Cubana, sendo Che Guevara conhecido no mundo inteiro; Fidel Castro consegue, então, entrar em Cuba e atuar no governo socialista. O mundo assiste ao confronto entre a União Soviética e os Estados Unidos, sendo que a China já era comunista.

Na década de 1960, parecia pairar uma grande esperança no que concerne ao futuro do Brasil. O país passava por um desenvolvimento fantástico na década de 1950, com incentivo não só na indústria automobilística, como também na arquitetura. Era a época da bossa nova e o futebol levaria o Brasil a ser campeão. Então, pode-se perceber que a geração a que pertencia Euclides Neto era de absoluto otimismo.

Seria aquela uma época de grandes sonhos realizados. Nesse panorama, Lúcio Marçal Ferreira Ribeiro Lima Costa, arquiteto, urbanista e professor brasileiro, nascido em Toulon, França em 1902 e que faleceu no Rio de Janeiro em 1998 - mais conhecido como Lúcio Costa

- vai pensar Brasília como uma cidade onde o senador e o motorista morariam no mesmo conjunto habitacional. De modo que, influenciado pelas ideias de Lúcio Costa, também Euclides Neto acreditava que o mundo poderia ser igual para todos. Especialmente porque então, Euclides Neto já era um nome de respeito na região, por sua liderança política, por ser um bom advogado, um homem sério, em quem as pessoas confiavam.

Em 1978 ele volta a publicar e passa por um momento de reflexão, chegando a pensar numa possível aposentadoria no campo do Direito. Pensa deixar definitivamente a profissão de advogado, especialmente porque um dos filhos, Marcelo Mendonça Teixeira, que se forma na mesma profissão em 1982, pretendia nela ingressar. Ele se retira do escritório e o entrega ao filho, passando a dedicar-se somente à literatura; nesse momento, ele tinha condições econômicas que lhe permitiam dedicar-se ao que mais gostava, que era escrever. A essa altura da vida, já não precisava mais trabalhar para ter uma renda estável, pois seus filhos se encontravam formados e não havia de arcar com grandes gastos. Ele era um homem hábil nos negócios e que sabia ganhar dinheiro; mas, ao mesmo tempo, sabia viver com pouco, apesar de ter uma boa casa e uma fazenda rentável. Costumava dizer que, no momento que ficasse rico, ele pararia de trabalhar, viveria só para escrever. E parou! A partir de um determinado momento na vida, não comprou mais nenhuma propriedade e entregou a fazenda que tinha ao seu outro filho, Espartaco Mendonça Teixeira. Este passaria a viver ali, cuidando da fazenda. Euclides Neto levaria uma vida confortável com a esposa, mas sem excessos.

Denise declarou que até 1973 seu pai pôde conhecer o Brasil. Ele dizia que tinha ido do Oiapoque ao Chuí. Do leste ao oeste”. Depois que ele conhece o Brasil, os extremos, os pontos importantes que ele entendia que dessa forma ele conheceria a economia, a sociologia do Brasil, ele passou a viajar para o exterior. Nessa época ele leu *O Desafio Japonês* ficando encantado pela forma como o Japão saíra da Segunda Guerra e conseguira acompanhar o mundo. Euclides Neto vai ao Japão. Não para de advogar, escrever as peças jurídicas, mas não publica nenhum texto literário, nem para os jornais escrevia.

Falando de suas viagens, em 1977, Euclides Neto dá a volta ao mundo. Sai pelo Pacífico, volta pelo Atlântico. Ele quer conhecer a Índia, que tinha em Gandhi uma grande referência; quer conhecer a Rússia que, na época, ainda era a União Soviética e deseja saber como funcionava o comunismo naquele país. Em 1977, ainda continua advogando e recomeça a escrever, inclusive para os jornais regionais, o jornal de Ilhéus e de Ipiaú. Elege, então, como sua temática, os acontecimentos da própria região em que vive. interessando-se por aspectos relacionados à economia, política, antropologia e sociologia.

Após tantas experiências e aquisição de informações, em 1990, a UESC [*Universidade Estadual de Santa Cruz*] pede a Euclides Neto que faça um dicionário de termos regionais. Assim, ele entrevista pessoas – sempre com seus famosos papezinhos no bolso, em que registra anotações do dia-a-dia – que conhecem bem a região a fim de coletar esses termos e essa tarefa acaba se tornando uma diversão para ele. Segundo Denise, entre as décadas de 1980 e 1990, teria sido a época de sua maior produção literária. Ele sofre um problema cardíaco seríssimo, em 1994, chegando a ser operado. Mas, assim que ele se recupera, volta a escrever e diz que escrever seria para ele tão importante como beber água. Se houvesse um fato que ocorresse ali, Euclides Netos tinha necessidade de escrever sobre ele.

Quando perguntei a Denise sobre o tempo que transcorria, em geral, entre a finalização de um texto que escrevesse e a sua publicação, ela me disse que, por vezes, havia a necessidade de sua publicação imediata, como o caso de *O Banco do Brasil*. Ele pesquisava, lia, escrevia e mandava toda a sua produção para o jornal; ele mesmo datilografava. Quando surgiu o *personal computer* (PC), Denise conta que seu o marido lhe deu um de presente, que ele achou o máximo. A partir daí, o computador virou seu amigo inseparável.

Dentre os tópicos que mais lhe atraíam a atenção, tinha uma verdadeira admiração pela Instituição Banco do Brasil, especialmente porque o Banco facilitava os financiamentos para os produtores da região. O Banco do Brasil não privilegiava, então, ter lucro com esses empreendimentos financeiros, mas sim, ajudar à comunidade, pois a devolução do empréstimo era cobrada com juros baixos. Em seu texto *O Banco do Brasil*, publicado no livro *O Menino Traquino*, ele mostra bem essa dinâmica dos empréstimos na escrita.

Na biblioteca de Euclides Neto, que também funcionava como seu escritório, há muitos objetos pessoais, estes eram adquiridos, muitas vezes, em viagens feitas por ele mesmo. Eram pequenas estátuas, pequenas esculturas, sempre feitas com materiais naturais de cada região, como esculturas de marfim compradas quando foi a Hong kong; pois ficara encantado com aquele material natural usado nas estátuas, ou com objetos de osso, sempre com algum significado para um grupo ou uma comunidade. Por exemplo, ele tinha uma estátua de marfim, de que muito gostava, representando os três macacos – não vejo, não escuto, não falo; ou um barco de ferro, comprado na China. E havia também objetos que ele ganhava de amigos que viajavam e lhe traziam de lembrança. Ou os famosos chapéus, que usava porque estava careca e gostava muito de ir para o sol, montar a cavalo e checar de perto o trabalho que estava sendo feito na fazenda. Também, ao correr pela fazenda, carregava seu facão para cortar algo que lhe interessasse no mato. Na verdade, era uma pessoa autêntica, o que acabava lhe criando problemas. O fato é que se indispunha muito com os políticos da



época, inclusive com o falecido governador Antônio Carlos Magalhães, pois, na hora que ele tinha de falar qualquer coisa, ele falava e não tinha medo de defender suas convicções: foi inclusive ameaçado de morte, mas não se acovardou.

Todos esses objetos eram bem preservados por Euclides Neto, de modo simples, do jeito dele, sem nenhum ordenamento visual, mas estava tudo ali. Guardava até uma palmatória, que uma professora havia lhe dado, segundo Denise, “uma palmatória de dar bolo em menino”. Ele sabia o valor dos objetos e sabia que os objetos contam histórias. Logo, esses objetos não estavam ali para enfeitar, mas para revelar uma história, uma circunstância.

Figura 9 – Chapéus e facão



Fonte: CUSTODIO, Marcelo Pereira. *Fotos da biblioteca de Euclides Neto*. 2011

Figura 10 – Chapéus



Fonte: CUSTODIO, Marcelo Pereira. *Fotos da biblioteca de Euclides Neto*. 2011

Além dos objetos descritos acima, havia também, na sua biblioteca, seus livros, que são muitos, tanto relacionados à literatura nacional, quanto internacional, além de enciclopédias. Aparentemente, o seu escritório era um caos porque tudo o que ele precisasse usar para trabalhar, no momento, teria que estar em cima da mesa. Mas ele sabia onde estavam os livros, sabia onde encontrar tudo o que precisava para escrever, portanto, existia ordem em meio aquele aparente caos. Se alguém entrasse lá, não poderia organizar, nem mexer em nada, senão ele se perderia. Segundo Denise, ele dizia: “Não arrumem. Não limpem!”.

Durante o relato sobre a organização do acervo de Euclides Neto, Denise informou que parte dele já tinha sido pré-organizado por uma moça de Ipiaú, que havia sido contratada por seu pai. Depois ela saiu, por falta de recursos, aí ele mesmo passou a organizar seu acervo. Ele tinha tudo guardado. Inclusive, Denise achou correspondências dele com o editor

de *Os Magros* numa pasta (eu não tive acesso à essa correspondência). Os manuscritos haviam sido organizados em parte por ele. Todo o acervo de suas obras está conservado em sua biblioteca e a primeira pessoa que pegou algum material emprestado para fins acadêmicos, segundo Denise, foi o proponente desta pesquisa.

Quando Euclides Neto faleceu, Denise entrou no escritório e encontrou um mundo de papéis. Tentou organizar tudo. Ela mencionou que havia m jovem de Ipiaú, que hoje está formado em Direito e, quando era menino – alías, um menino tido como um gênio - que se interessava muito pela obra dele. Era um grande leitor e Denise pagava-lhe certa quantia para que ele fosse, uma vez ou duas por semana, para ajudar na organização. Então ele colocou etiquetas em toda a biblioteca e o espaço está todo identificado com a ajuda de etiquetas afixadas nas prateleiras, assim classificadas: Ciências Políticas; Sociologia e Antropologia; História; Filosofia e Ciência; Educação; Economia; Periódicos e Obras Gerais; Medicina; História, Teoria e Crítica da Literatura; Direito; Religião; Generalidades; Poesia Baiana; Prosa Baiana; Jornalismo; Psicanálise; Diários, Correspondências e Relatos Pessoais; Antologias; Enciclopédias; Sermões do Padre Antônio Vieira; Obras de William Shakespeare; e Dicionários. As publicações de jornais estão todas guardadas em pastas, organizadas também pelo jovem contratado.

Até o momento da entrevista, a prefeitura de Ipiaú nunca tinha se interessado em fazer um museu contendo as obras de Euclides Neto. Entretanto, há um professor chamado Vítor Hugo, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que criou um Centro de Estudos Euclides Neto. Mas a família ainda não conseguiu se desvincular do material o suficiente para dizer: “Peguem isso e cuidem” porque, segundo Denise, “é sabido que a coisa pública no Brasil é complicada”, ou seja, há muita burocracia e não se sabe se o acervo seria tão bem cuidado quanto está sendo pela família. Mas uma hora isso vai acontecer. O acervo terá de sair da casa do autor e ir para um espaço criado com esse propósito.

Denise ainda relata que há um jovem que fez um documentário sobre Euclides Neto e que recentemente passou a trabalhar no conto *O velho e as três crianças* – na verdade, o título seria *O velho e os três meninos*, que narra a invasão de três meninos de rua à casa de Jeremias – e está fazendo um curta-metragem através de uma verba cedida pela Lei Rouanet.

Apesar de Euclides Neto ser considerado um escritor regional - não só fala da economia e política daquela região cacauieira, mas refere-se à Bahia e, ao fazer isso contextualiza o seu texto dentro de um panorama maior, o panorama do Brasil, naturalmente. Apesar de tratar, portanto, de temas regionais, acaba tendo na sua obra características de universalidade. Para ilustrar esse aspecto, convém mencionar o livro de contos que podia ter

sido escrito na Rússia ou na China, ou no Brasil O tema maior é a condição do ser humano. Segundo Denise, seus livros nunca foram traduzidos para outros idiomas.

A família também se propôs a publicar a biografia de Euclides Neto e Denise submeteu essa ideia ao Edital Lei Rouanet visando inclusive reeditar toda a obra do pai – parte da proposta já foi aprovada e a Editora EDUFBA está entrando como parceira dessa empreitada. Perguntado a Denise se a reedição de *O tempo é chegado* seria incluída, ela confirmou que sim, pois quando Euclides Neto faleceu, ele havia deixado o livro pronto, com o título e a revisão pela mão do autor. Faltava decidir pela capa, o que a família fez e editou em São Paulo. A UESC publicou, mas a família fez toda a produção.

Em relação aos objetos de seu acervo, eram adquiridos, muitas vezes, em viagens feitas por Euclides Neto. Eram pequenas estátuas, pequenas esculturas, sempre feitas com materiais naturais de cada região. É o caso de esculturas de marfim compradas quando ele foi a Hong kong, pois ficava encantado com aquele material natural ou com objetos de osso, sempre com algum significado para um grupo ou comunidade, por exemplo, ele tinha de marfim os três macacos – não vejo, não escuto, não falo, não escuto; um barco de ferro que simbolizava o trabalho, comprado na China. E os objetos que ele ganhava de amigos que viajavam e traziam uma lembrança. Há os famosos chapéus que os usava porque estava careca e gostava muito de ir para o sol, montar a cavalo e checar de perto o trabalho que estava sendo feito, ele participava do momento, não tinha preguiça. Também carregava seu facão para cortar algo que lhe interessava no mato. Era muito autêntico, por isso, no ato da escritura, ele não tinha medo de dar nome aos *bois*. Segundo Denise, Euclides Neto acabava criando alguns problemas com isso. Pois ele se indispunha muito com o ex-governador morto Antônio Carlos Magalhães porque na hora que ele tinha de falar, ele falava e teve até ameaça de morte, ele não temia.

Enfim, todos os objetos eram bem preservados por Euclides Neto, do jeito dele sem nenhum ordenamento visual, mas tudo ali. Até uma palmatória que uma professora deu a ele, uma palmatória de dar bolo em menino. Ele sabia o valor dos objetos. Ele sabia que os objetos contavam histórias. Não eram para enfeitar, mas para revelar uma história, uma circunstância.

Além da entrevista concedida por Denise Teixeira, ela, também, cedeu um datiloscrito da autobiografia de Euclides Neto – elaborado por ele em 1985.

A fim de ilustrar melhor o depoimento de Denise Teixeira, fotos tiradas na biblioteca de Neto em Ipiaú, de minha autoria (2011), seguem no APÊNDICE B. Elas representam momentos de sua vida como escritor e político.

## 4 O DOSSIÊ GENÉTICO DE *O BANCO DO BRASIL*

O dossiê genético de *O Banco do Brasil* se resume inclui o caderno onde se encontram os manuscritos 1 e 2 do texto em questão, que é o objeto deste trabalho bem como o texto impresso; a entrevista com uma de suas filhas – Denise Mendonça Teixeira; o datiloscrito da autobiografia de Euclides Neto, elaborado pelo próprio escritor em 1985; e as fotos da biblioteca do autor.

Foi feita a transcrição dos manuscritos e a descrição destes, além da transcrição da entrevista mencionada, como etapas deste estudo genético do processo de criação de Euclides Neto, com o objetivo de buscar entender o processo de escritura de *O Banco do Brasil*.

A descrição física apresentada segue uma ordem cronológica. Também, levou-se em consideração a sequência da macro para a microestrutura dos documentos, ou seja, descrição do caderno onde se encontram as duas versões dos manuscritos, o Manuscrito 1, o Manuscrito 2 (Doravante M1 e M2) e, por fim, o texto impresso.

### 4.1 DESCRIÇÃO FÍSICA DO CADERNO, MANUSCRITOS 1 E 2, TEXTO IMPRESSO E DATILOSCRITO

Os manuscritos 1 e 2 se encontram em um caderno universitário de 20,5 x 28,5 cm contendo 121 folhas. Esse caderno possui capas externas cor de rosa com estampas de desenhos mostrando jovens. Ambas as contracapas internas apresentam mancha escrita na parte superior. As páginas são de cor amarelada, envelhecidas pelo tempo, quase todas contendo 36 linhas cada. Também quase todas as páginas possuem mancha escrita, algumas por completo, outras parcialmente. Muitas apresentam uma marca em formato de “X” que cobrem a mancha escrita de cima a baixo. Textos escritos em letra cursiva, às vezes, utilizando-se a caneta azul, ou a caneta preta, ou ainda a o lápis. As linhas a seguir relatarão características das páginas contidas no caderno universitário. Para melhor compreensão, as páginas serão apresentadas em blocos e em ordem crescente.

Entre as páginas 1 e 17, encontra-se a primeira versão do Texto *Reforma Agrária*, cujas páginas 2, 6, 8, 10, 12, 14 estão em branco. A página 4 contém apenas um pequeno texto de quatro linhas, entre a 28 e a 31. Há um texto de sete linhas, indo da 1 até a 7, e um

parágrafo de quatro linhas entre as linhas 11 e 14, na página 13. A página 18 também se encontra em branco.

Entre as páginas 19 e 31, há outra versão do texto *Reforma Agrária*. As páginas 19, 25 e 27 contêm mancha escrita por toda a extensão e um X indicando que o texto foi passado a limpo. A página 20 apresenta mancha escrita em três diferentes trechos: primeiro na primeira linha apenas; segundo entre as linhas 15 e 18; terceiro entre as linhas 21 e 26.

A página 32 está em branco. A página 33 contém o texto *As Lavadeiras*, indo do início da página – acima da primeira linha – até a linha 20. Não há aqui o X de passado a limpo, encontrado habitualmente neste caso. Na página 34, há uma mancha escrita de seis linhas com um X de passado a limpo entre a 28 e a 33.

Entre as páginas 35 e 40, encontra-se o texto *O Banco do Brasil* em sua primeira versão e entre as páginas 41 e 46, consta o texto *O Banco do Brasil* em sua segunda versão. Ambas as versões serão descritas nos itens 4.2 e 4.3 deste trabalho, respectivamente.

O texto *O Candidato* é redigido entre as páginas 47 e 53. As páginas 47, 49, 51 mostram mancha escrita por toda a extensão. As páginas 48 e 52 estão em branco. Na página 50, há mancha escrita na diagonal, representada pelos números 50, 100, 5000, 4000 e 400, entre as linhas 9 e 20. Na página 53, existe mancha escrita por toda a extensão, com o X de passado a limpo.

A página 54 está em branco. A página 55 mostra a tipografia da página em formato de formulário. Nada foi preenchido pelo escritor. A página 56 encontra-se em branco. Na página 57, há o texto *Os soldados também choram*, com mancha escrita indo da linha 1 a 23.

Na página 58, a primeira linha aparece escrita com a frase *Não precisa ser eleitor do PT para ser defensor da democracia.*). Parece ter conexão com o texto que se segue entre as páginas 59 e 65, em que aparece o texto *Democracia?* Possível primeira versão de três existentes no caderno.

As páginas 59, 61 e 63 apresentam mancha escrita por toda a extensão da página com o X de passado a limpo. Na página 60, há mancha escrita apenas entre as linhas 15 e 25, com o X de cancelamento. As páginas 62, 64 e 66 se encontram em branco. A página 65 tem mancha escrita, que vai das linhas 1 a 19, com o X de cancelamento.

Entre as páginas 67 e 74, encontra-se a segunda versão do texto *Democracia?*. As páginas 67, 69, 71 e 73 se apresentam com mancha escrita por toda a extensão, com o X de passado a limpo. A página 68 mostra mancha escrita e desenho entre o espaço superior da linha 1 até a linha 29. O X de cancelamento aparece entre as linhas 27 e 29. As páginas 70 e

72 estão em branco. A página 74 tem mancha escrita entre as linhas 1 e 5, com o X de passado a limpo.

Entre as páginas 75 e 79 há uma possível terceira versão do texto *Democracia?*. A página 75 apresenta uma mancha escrita entre as linhas 1 e 6. A página 76 possui uma mancha escrita entre as linhas 1 e 5, com o X de passado a limpo. A página 77 apresenta mancha escrita por toda a extensão, com o X de passado a limpo. A página 78 e 80 estão em branco. A página 79 se encontra com mancha escrita entre as linhas 1 e 26, com o X de passado a limpo.

Entre as páginas 81 e 92, há o texto *Cacau*. As páginas 81, 85, 87, 89e 91 apresentam mancha escrita em toda a extensão da página com o X de passado a limpo. As páginas 82, 86 e 88 estão em branco. A página 83 aparece em formato de formulário; ali, nada foi preenchido pelo escritor. A página 84 mostra mancha escrita de 9 linhas na segunda metade da página. A página 90 apresenta mancha escrita entre as linhas 12 e 13, com o X de passado a limpo, além de outra mancha escrita entre as linhas 32 e 36, com o X de passado a limpo também. Na página 92, encontra-se uma mancha escrita a partir da linha 24 até o final da página, excedendo a linha 36, com o X de passado a limpo.

A segunda versão do texto *O Cacau* é anunciada entre as páginas 93 e 98. As páginas 93, 95 e 97 estão cobertas por uma mancha escrita, com o X de passado a limpo. A página 94 está em branco. A página 96 apresenta-se parcialmente coberta por uma mancha escrita, iniciada a partir da linha 24 até o final da página, com o X de passado a limpo. Por sua vez a página 98 se apresenta com uma mancha escrita a partir da linha 10 até o fim da página, com três X de passado a limpo.

A terceira versão do texto *O Cacau* encontra-se entre as páginas 99 e 111. As páginas 99, 101, 103, 105 e 109 possuem mancha escrita, que percorre toda a extensão da página, apresentando o X de passado a limpo. As páginas 100, 102, 104, 106, 108 e 110 estão em branco. A página 107 apresenta mancha escrita entre as linhas 1 e 24, com o X de passado a limpo; a página 111 possui mancha escrita, que vai da linha 1 a 27, com dois X de passado a limpo.

A página 112 se acha em branco. A página 113 é em formato de formulário. Nada preenchida pelo escritor. A página 114 encontra-se em branco, sem linhas. Da página 115 a 148, nota-se mancha escrita por toda a extensão, com textos não identificados e títulos cujos intervalos de páginas estão em branco – páginas 116, 118, 120, 122, 124, 126, 128, 134, 136, 138, 140, 142, 144, 146 e 148. A página 147 apresenta mancha escrita da linha 1 até a 9, com o X de passado a limpo.

Entre as páginas 149 e 155, aparece o texto *Os Xiitas*. As páginas 149, 151, 153 e 155 contêm mancha escrita por toda a extensão, com o X de passado a limpo. As páginas 150, 152, 154 e 156 estão em branco.

O texto *Quinau* se encontra entre as páginas 157 e 165. As páginas 157, 159, 161, 163 e 165 apresentam mancha escrita por toda a extensão, com a marca do X de passado a limpo. As páginas 158, 160, 162 e 164 e 166 estão em branco.

Entre as páginas 167 e 169, aparece o texto *Há 50 anos*. A página 167 apresenta uma mancha escrita por toda a extensão. A página 168 encontra-se em branco. Já a página 169 está coberta por uma mancha escrita, que vai da linha 1 a 18, sem a marca do X de cancelamento.

As páginas 170, 174, 176, 182, 184, 186, 194, 196, 198, 200, 202, 204, 208, 212, 214, 220, 222, 224, 226, 228, 230, 232, 234, 236, 238, 240 e 242 se encontram em branco. Já as compreendidas entre 171 e 242 registram mancha escrita de textos não identificados. Nas páginas 171, 173, 189, 190, 191, 192, 199, 201, 227, 229 e 237, há ocorrência de mancha escrita, às vezes, em toda a extensão da página, ou, em parte dela. Há a marca do X de cancelamento.

Figura 11– Primeira capa externa

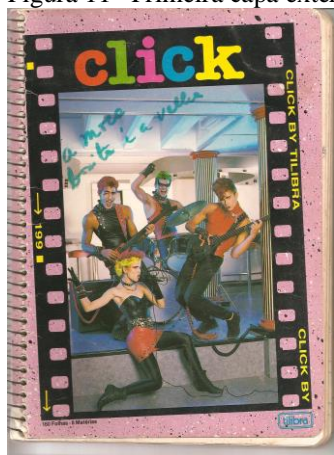


Figura 13 – Segunda capa interna

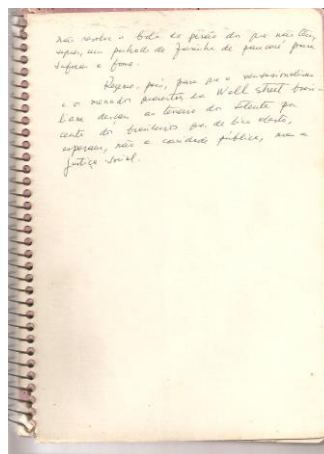


Figura 12 – Primeira capa interna

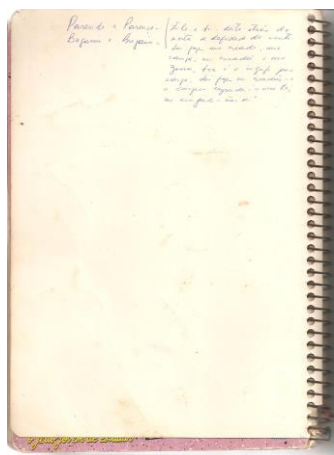
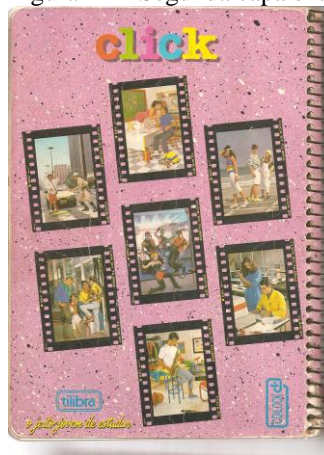


Figura 14 – Segunda capa externa





Fonte: NETO, Euclides. *O Banco do Brasil*. Caderno de manuscrito autógrafo. Ipiaú, [198-].121 p.

O Manuscrito 1 é autógrafo, com seis páginas. O suporte se apresenta em folha amarelada envelhecida pelo tempo, com escrita cursiva a caneta esferográfica azul (f1 anverso e f3 anverso), bem como escrita cursiva a caneta azul e preta (f1 verso, f2 anverso, f3 verso). O fólio f2 verso se apresenta em branco. Há marcas do processo de criação do autor, tais como: supressão, acréscimos e deslocamentos. Todos os fólios apresentam a marca X que cobre a mancha escrita de cima a baixo, com exceção dos fólios f2 verso e f3 anverso.

Figura 15 – Manuscrito 1- O Banco do Brasil f.1 anverso

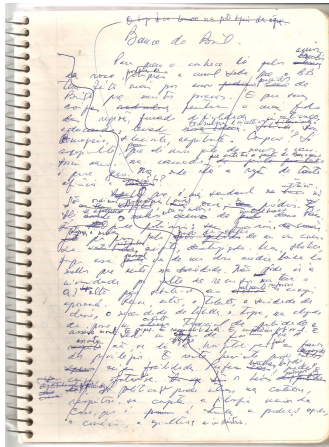


Figura 17 – Manuscrito 1- O Banco do Brasil f.2 anverso

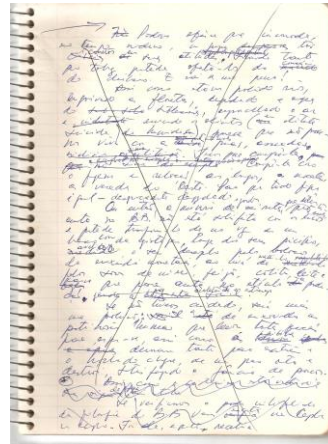


Figura 16 – Manuscrito 1- O Banco do Brasil f.1 verso

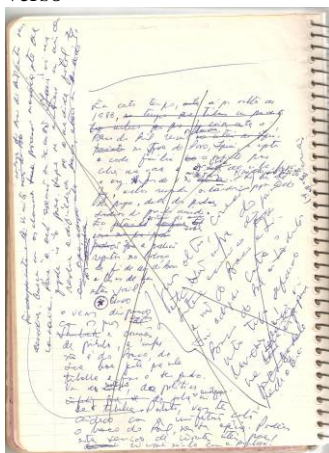


Figura 18 – Manuscrito 1- O Banco do Brasil f.2 verso

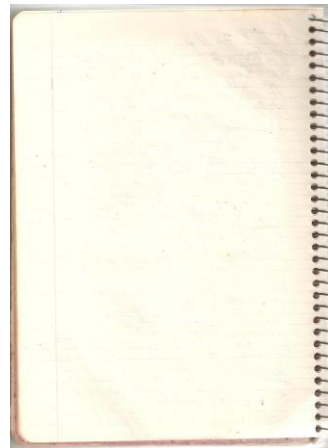




Figura 19 – Manuscrito 1- O Banco do Brasil f.3 anverso

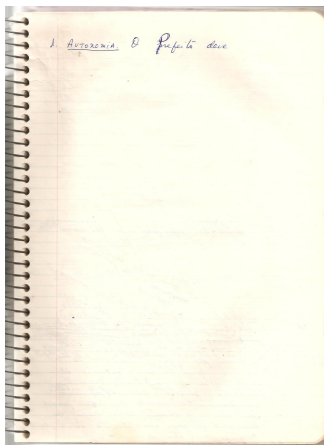
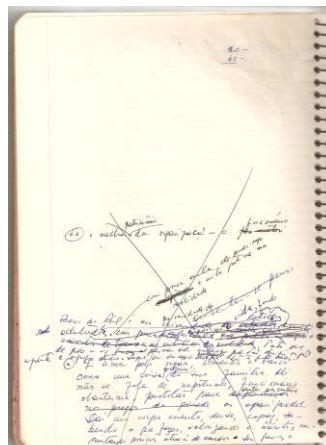


Figura 20 – Manuscrito 1- O Banco do Brasil f3 verso



Fonte: NETO, Euclides. *O Banco do Brasil*. Caderno de manuscrito autógrafo. Ipiaú, [198-]. p.35-40. Manuscrito 1.

Como o Manuscrito 1, o Manuscrito 2 é autógrafo, de seis páginas. O suporte se apresenta em folha amarelada envelhecida pelo tempo, com escrita cursiva a caneta esferográfica azul e borrões em verde (f3 verso); há-escrita cursiva a caneta esferográfica preta (f2 verso) e escrita cursiva a caneta azul e preta (f1 anverso, f2 anverso e f3 anverso). O fólio f1 verso se apresenta em branco. Há marcas do processo de criação do autor, tais como: supressão, acréscimos e deslocamentos. Todos os fólios apresentam a marca X que cobre a mancha escrita de cima a baixo, com exceção dos fólios f1 verso e f3 verso.

Figura 21 – Manuscrito 2- O Banco do Brasil f.1 anverso

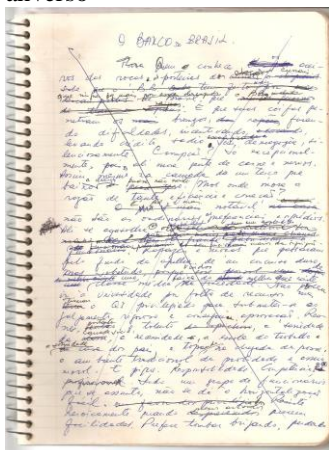


Figura 22 – Manuscrito 2- O Banco do Brasil f.1 verso



Figura 23 – Manuscrito 2- O Banco do Brasil f.2 anverso

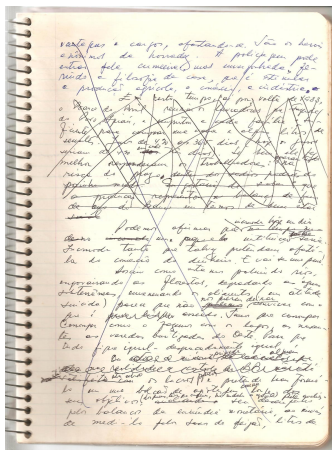


Figura 25 – Manuscrito 2- O Banco do Brasil f.3 anverso

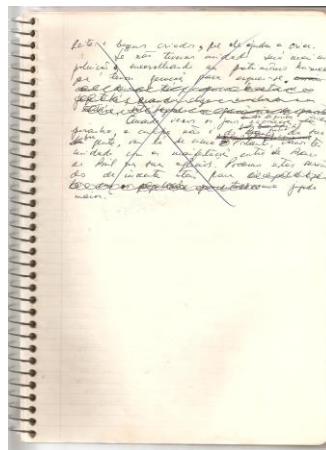


Figura 24 – Manuscrito 2- O Banco do Brasil f.2 verso

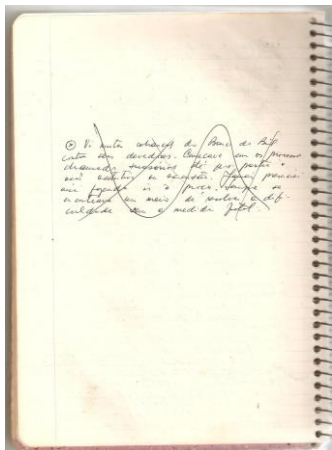


Figura 26 – Manuscrito 2- O Banco do Brasil f3 verso



Fonte: NETO, Euclides. *O Banco do Brasil*. Caderno de manuscrito autógrafo. Ipiáú, [198-]. p.41-46. Manuscrito 2.

Já o impresso apresenta-se como um bloco regular, justificado à direita e à esquerda, com as linhas dispostas em duas colunas. Na página 80, lê-se o nome do autor, Euclides Neto, centralizado na parte superior e, na página 81, o título do livro *O Menino Traquino*. Lê-se, ainda, nessa página, o título: **O BANCO DO BRASIL**, que aparece centralizado. No livro, tem-se a indicação da datação, na página 81, no final do texto, a saber: 10.10.88.

## O BANCO DO BRASIL

Quem conhece os aceiros das roças e as porteiras dos currais sabe que ninguém fez mais por esses descampados da Bahia que o BB. E que suas coifas penetram os brongos, varando dificuldades, incentivando, levando crédito sadio. Sem demagogia, silenciosamente. Corrupção nestes tempos de peste? Só excepcionalmente de caju em caju, pois ali assiste gente de carne e nervos. Mas onde mora a razão de tanta eficiência e correção?

É que o mais notável no Banco do Brasil não são as ordinárias, as preferenciais e os prédios. O mais valioso do seu patrimônio é o funcionário, que não se pode comprar nem vender. Moças e rapazes, que passaram pelo fundo da agulha de um concurso duro, vindos de uma classe modesta da sociedade. Não puderam ir à Universidade por falta de recursos, mas têm QI privilegiado. Reúnem, portanto, o talento, a necessidade de trabalhar, o exemplo de seriedade da casa dos pais, topando, no ato da posse, o ambiente da probidade e do asseio moral. E pique. Responsabilidade. Competência. E amor pelo órgão, tomando o Banco como uma parte da sua família.

Onde não se fala de nepotismo, funcionário fantasma, pistolão para dependurar os apaniguados nos pregos da parede. Daí um corpo enxuto, capaz, sabendo o que fazer, valorizando o mérito, conquistando posições através de cursos. Sem favor, o Banco do Brasil é uma Universidade viva de administradores, economistas, contadores, advogados. Tanto que, de quando em quando, pescam nele as cabeças

que vão dirigir entidades e organizar outras. Sempre com sucesso.

Sendo funcionários que se assuntam, não se prestam a horizontalização fácil. Resistem heroicamente quando os menos avisados tentam a ignomínia. Preferem tombar, brigando, perdendo vantagens, afastando-se. São os heróis anônimos da honradez.

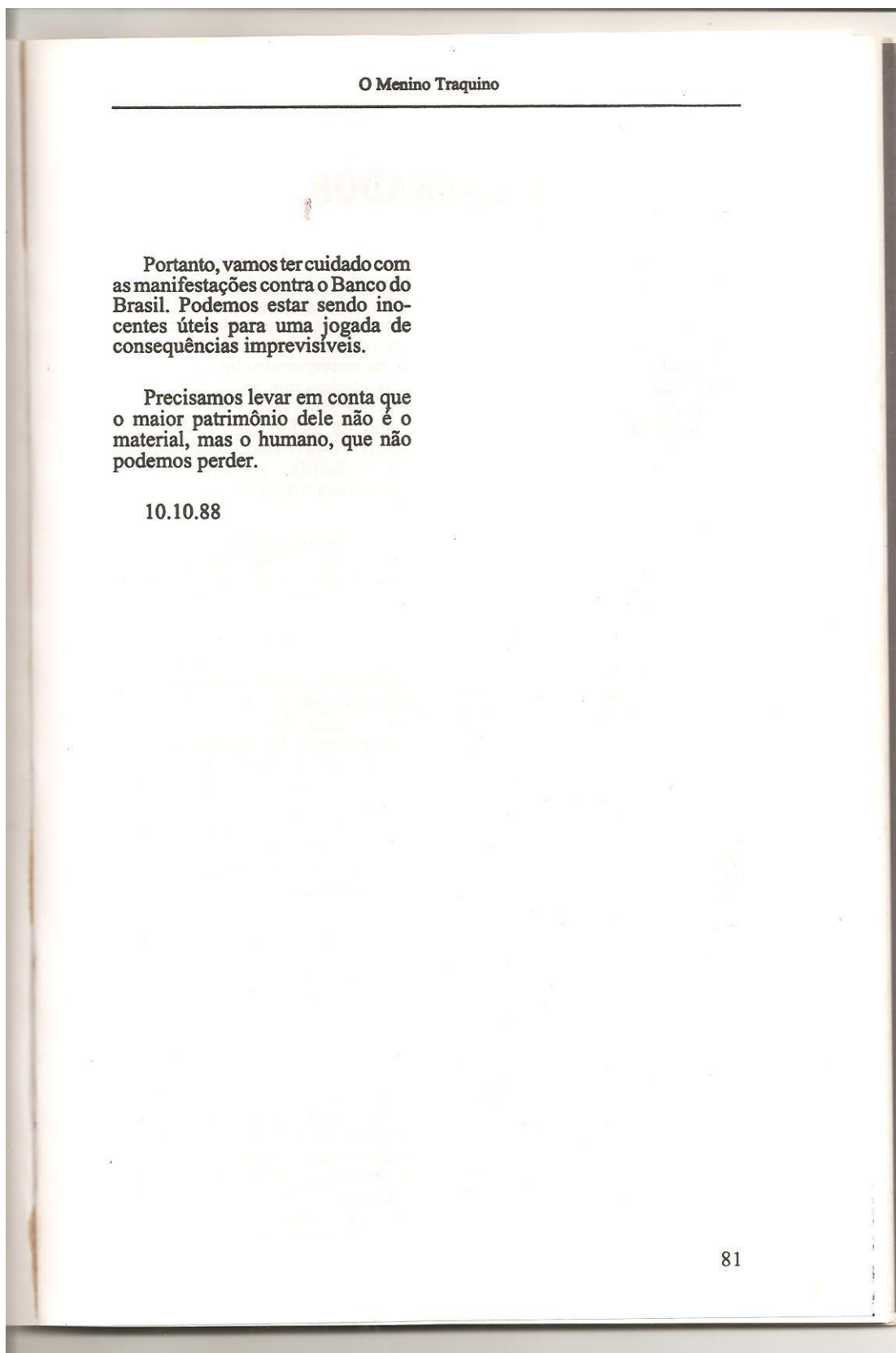
A politicagem pode entrar pela cumeeira, mas discreta, envergonhada, violentando a filosofia da casa.

Tal comportamento incomoda. Assim como estamos poluindo rios e águas subterrâneas, engoivando as florestas, envenenando os alimentos (em atitude suicida!). Para que não nos querem deixar conviver com o que é asseado. Temos (lá eles) que corromper. Corromper como o fazemos também com os lagos, as nascentes, as veredas buritizadas do oeste, para que tudo fique igual - desgraçadamente igual.

Ou alguém está achando os lucros minguados e pretende transformar o Banco do Povo em um balcão de agiotagem comum, longe dos seus objetivos de avaliar o balanço pelos sacos de feijão, milho, cabritos e bezerros produzidos e não pela enxúdia monetarista?

Quando vemos os juro de piranha e as correções ácidas, a culpa não é da sua boa gente funcionária. Lutemos contra isto, tudo bem - caçando os culpados, que não estão atrás da escrivania das agências.

Figura 28 - O Banco do Brasil p. 81



Em relação ao datiloscrito, este se apresenta em duas folhas como um bloco regular, justificado à esquerda, com as linhas dispostas em coluna única, com dois parágrafos. Na primeira folha, lê-se *Sessentão*, na mesma direção de início do primeiro parágrafo, que percorre até o fim da folha. A folha seguinte apresenta a parte final de um parágrafo sem início e, então, segue o parágrafo final. O datiloscrito termina com uma mancha escrita, a saber: Euclides Neto, seguida de outra logo abaixo indicando o local e data de escritura, a saber: Ipiaú, 11.11.85.



Figura 29 – Datiloscrito – fólio1

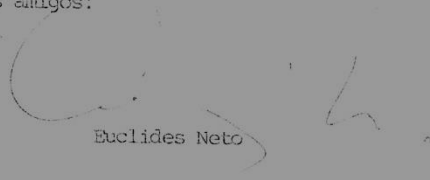
Sessentão.

Vamos pelo caminho e, de repente, chegamos aos sessenta anos. Jamais diria sexagenário. De logo, respondo que não me sinto velho. Ou digo isso pra não parecer tal? Sei não. Afirmo que as idéias continuam vibrantes como aos dezoito anos! Os sonhos andam como aos dezesseis. E a sofreguidão de viver como aos dez. O resto -- que pena! -- não posso contar vantagens. Feliz? sem dúvida. Desde menino não sei quem tenha colhido mais afeto e afago. Meu primeiro irmão chegou quando eu andava na casa dos circo. Até aí fui o centro de todo mundo. Vivemos por esse tempo em casa de palha e taipa. Minha mãe dormia de pistola e não com medo dos malfeitores que fugavam as matas. Meu pai na estrada, tocando seus burros. Depois ele adoeceu gravemente: bexiga da peste, tratada pelas mãos experientes de um tropeiro, com folhas de bananeiras e álcool canforado. Fassei pelos aprendizados da vida. Morei na roça, de onde partia madrugadazinha para vender dez litros de leite a duzentos reis e frequentar a escola de uma santa e batista fessora leiga. Servi ao exército durante a Segunda Guerra Mundial. Canhei estrelinha, sim senhor. Fui interno em Colégio Jesuíta. Servi de empregado doméstico na pensão do Pe. Torrendi, em Salvador, e tomava conta de um sítio para retiros espirituais, em Mar Grande, tendo, para isso, de atravessar a Baía de Todos os Santos, semanalmente, a fim de fiscalizá-lo. Também era sacristão. Por onde andei fiz amigos, saboreei a vida. Aprendi. No fundo, um místico. Socialista? Sim. Pleno de amor. Por tudo. Sou capaz de amar a quem me queira mal. Fiz do perdão uma prática de vida, ou como dizia Gandhi: nem tenho a quem perdoar. Prático a tolerância e a arte de ser livre. Aprendi a liberdade com meu pai. O perdão, com minha mãe. Aprendi a conter a frustração, pelo que não sofro. Jamais pensei em ter o impossível. Certamente possuo mais do que necessito e mereço. Tenho recebido mais do que já dei. Deveria fazer doação do que possuo, para que retornasse como cheguei. Custaria de viver exclusivamente do meu trabalho. Ideologia? Certamente. Para completar a felicidade (ou a vaidade?), ficarei satisfeito se ainda escrever um bom livro. Espero chegar lá. Fascina-me esta idéia, que me acompanha desde os quinze anos. Não mudaria a minha verdade. Se ficasse no Rio de Janeiro

Figura 30 – Datiloscrito – f6lio2

rio, respeite todos os credos, sem escapar os pol6ticos e filos6ficos. Seja tolerante: a sua verdade pode n6o ser a verdadeira, por mais evidente que pareça. Mas acredite nela, fervorosamente. Sem deixar de aceitar a alheia, quando julg6-la provada. Busque a felicidade, indo at6 onde n6o comprometa a do outro, lembrando-se que ela 6 uma festa: ningu6m a faz sozinho.

Ainda teremos muito tempo para estar juntos. Espero chegar 6s oitenta primaveras, quando rememoraremos esta carta com a mesma paix6o pela vida. At6 l6: minha m6e, minha esposa, meus filhos, netos, irm6os, genros, noras, cunhados, meus queridos amigos!

  
Euclides Neto

Ipia6, 11.11.85.

## 4.2 TRANSCRIÇÃO DOS MANUSCRITOS 1 E 2

A seguir, são apresentados fac-símiles, cada fólio em uma página distinta para garantir a legibilidade do documento. Inicia-se com o fólio 1 anverso, referente ao M1, com a respectiva transcrição (figura 31).





0 [O sujo fica branco na /ponte depois da/ água].  
1 Banco do Brasil  
2  
3 Para quem o conhece lá pelos [†] [<^†>] <^aceiros>  
4 da roça, <^porteira> de † curral sabe que o B.B.  
5 tem feito mais por esses [pedaços] <^perdidos> /roça/ de  
6 Brasil que muitos /presos/. E que suas  
7 coifas ridículas penetram o mais fundo  
8 das regiões, quando dificuldades motivação,  
9 educando, levando [novas ideias] <^tecnologia e †>. [††]<^Silenciosamente a/>  
10 /corrupção/, silenciosamente, respeitosamente. Corrupção? Só  
11 Excepcionalmente, <^pois> que ali † gente de nervos e carne.  
12 Assim mesmo, na camada [de gente que foi /o/] <^que constitui a gente do /Bar o  
moço/>  
13 é que zero. Mas onde está a razão de tanta  
14 eficiência e [†] <^correção>?  
  
15 [Aquilo] <O> que é mais saudável na [/hora/]<^instituição> não  
16 [é /as ser/ capital, †]<^são ordinárias, preferenciais (ações)>ações [†]<^e> prédios. [É]  
17 Ali [assiste] <^se agasalha> [os]/o\ melhores <^, entre os muitos,> acerv[os]/o\ de  
[gente]<^material humano> [†]/†\ País.  
18 [É o [seu]<^seu>] <O> poder patrimônio: ser funcionário [de †]  
19 [†] que passa pelo [fundo apertado]<^fundo da agulha> de um † †  
20 † [vestibular][<^vestibular>], exigente, †. Mas, patético  
21 fazer essa [gente]<^pessoal> † de uma classe média baixa do  
22 melhor que existe na sociedade. Não pôde ir à  
23 universidade por falta de recursos mas teve o  
24 QI [<^†>] alto para submeter-se ao [†]<^julgamento rigoroso> e conseguir  
25 aprovação. Reune, então, o talento, a sociedade de  
26 classe, a necessidade de trabalhos e topa, na chegada  
27 da posse, um [clima]<^ambiente> tradicional de probidade <v e asseio moral. E pique.  
E responsabilidade. E competência profissional. E>  
28 Tendo um grupo de funcionários que se  
29 [respeita]<^assunta> não se dá à hospitalização <fácil> a favor

- 30 dos privilégios. E resiste heroicamente quando [†]<^desprovidos>  
31 [superior] exijam facilidades. Prefere [cair]<^tombar, brigando>, perde[r]/ndo\ o  
32 cargo, afasta[r]/ndo\ -se. [As †] São os heróis [† que †]<^anônimos da>
- 33 {*Há um conjunto de cinco palavras que foram acrescentadas e suprimidas na  
margem esquerda*}/[de/]<^honradez>. A politicagem pode entrar na †,  
34 /respeitava/, se /comportava/ a filosofia maior da  
35 casa, que é [promover] é estimular a produção †,  
36 o comércio, a agricultura, a indústria.

Na próxima imagem, encontra-se a descrição do fólho 1 verso, referente ao M1 (figura 32).





6 Em certo tempo, [antes] aí por volta de  
7 1983, [no tempo que /tínhamos/ um presente]  
8 [† maluco foi que fez coisa certa] o  
9 Banco do Brasil reuniu <os lavradores> [no interior de Ipiaú],  
10 [†] na Fazenda do Povo, Ipiaú, e emprestar  
11 a cada família [60] o suficiente para  
12 comprar sua casa e [† lotes]<^alguns litros de> de vinho, feijão  
  
13 e /arroz/. [A] [j]/J\uros de 4% [ao ano]<^aos 365 dias>! <^(hoje /todos/ juros seriam 4  
por cento de [2]/3\ e † dia)> Se bem ele  
  
14 fez, melhor responde aos trabalhadores: †  
15 no prego, dentro dos padrões  
16 sadios † miúdo.  
17 Eu [gostaria de conferir]<^gostaria de [que] [<v†>] <v saber>  
18 [isso no que /poderá/]  
19 [produção que] <^o> a produção  
20 representar no balanço  
21 de fim de ano do Banco  
22 em termos de bem  
23 estar social!  
24 \* Quando  
25 o vemos disparado  
26 com os juros [de]<^ ácidos>  
27 [†] e correções  
28 de piranha, a culpa  
29 não é do Banco, da  
30 sua boa gente que nele  
31 trabalha e † o ser /funcionário/.  
32 Ve d[†]/o\ [†]<^/sustento/> , d[e]/a\ política  
33 [Infeliz que se] d/a/ † † <^20 †> †  
34 se os trabalhadores. Portanto, vais ter  
35 /cuidado/ com as manifestações †  
36 o Banco do Brasil, na sua eficiência. /Poderás/

37 este servido de /piratas/ úteis /para/  
38 [de †] explica-lo /com/ a população!

Para que haja legibilidade o texto aqui será lido ao gira-se 45 graus à direita.

1 Juros altos, /correções/  
2 etc /são/ culpa do  
3 sistema econômico [†]<^do /privado/>  
4 e não do Banco e eu  
5 fui advogado contra o  
6 Banco do Brasil † [†] †  
7 /nto tendo/ defendido  
8 /lavradores/ {A continuação desta linha e as duas seguintes, ou seja, linhas 9 e 10, apresentam supressões e acréscimos totalmente ilegíveis, dificultando a compreensão da sequência das palavras.}

Texto girado a 90 graus à direita. Mancha escrita cobrindo desde a linha 29 até o topo da página, na vertical.

1 [Fui advogado contra o B/anco/]. Vi muitos [† do /Banco/]<^colegas do Banco do Brasil  
contra seus  
2 devedores. Começa com os † [/sua/] processos † até que  
3 /cassava/. /Porém/ à outra † da execução. Jamais vi /que/  
4 /fazenda/ ir † †. † se † † †  
5 /resolver/ a dificuldade se a medida fatal. [E]  
6 {Linha suprimida completamente incompreensível.}  
7 [dos devedores.]

Seguindo com os fac-símiles, será apresentado o fólio 2 anverso, referente ao M1 (figura 33).





1 [Não] Podemos † que incomoda,  
2 no tempo moderno, † † de † tão  
3 [/anseia/]<^/conetar/> [de]<^em> suas atitudes[,]/.\ <^† † † † > † /tanto/  
4 que talvez pretender oferta-los do [/mercado/]<^comércio>  
5 do dinheiro. E vai ser uma pena!  
6 /Assim/ como estava /pedido nós/  
7 † as florestas, /dependendo/ e /ages/  
8 {*Palavras incompreensíveis nesta linha.*}  
9 e, [†] † os † ([na] <^e> atitude  
10 suicida) [de humanidade] ) parece que não pode-  
11 mos viver com a [†] <^† †> †, amadas [†]  
12 [† a <^†> †]. † que † [ , †]  
13 {*Palavras incompreensíveis nesta linha.*}  
14 o † e relação aos longos, os /macetes/,  
15 as veredas do Oeste. Para que tudo fique  
16 igual - † depredado.  
17 Ou então, o † de <^gados> ††, <^que /determinações/> que  
18 † no B.B. não está satisfeito com os lucros  
19 e pretende transformá-lo de /no/ †††  
20 † em de agiotagem [ , ] / . \ /Porque/ dos seus princípios,  
21 [†] <^†>, o seu /desempenho/ pelos †  
22 da /enxadas/ monetárias, ao /dever/ de medi-lo  
23 † sacos de milho, feijão, cabritos, leite e  
24 [†]<^carne> que /possa/ † no † [da]<^a> produ-  
25 ção [ , ] / . \ {*Palavras incompreensíveis.*} <^pg † † o estômago>.  
26 Se não /lucrar/ cuidado, fará mais  
27 na política: [social está] <^a> de †  
28 /petições/ nunca /que/ † † /juros/?  
29 † /erguer-se/, /assim como/ [†] [†]<^†> [†]  
30 [e /os que/] /deixaram/ tanto para † e  
31 o † do cheque, de um para outro e  
32 destrói, /satisfazendo/ a /ganância/ de poucos.  
33 \* [Assim como o † está voltado a]  
34 [que /coifas/ <^de †>, /ou/ †]



35 [ Se verificarmos o poder /multiplicado/]

36 [da filosofia do B.B vou [/confiar/]<^/escutar/> na †]

37 [††. Foi ele, e /pelo/ <v\*> recebia]

O fólho 2 verso referente ao M1 se encontra em branco, prosseguindo com o fac-símile do fólho 3 anverso, referente ao M1 (figura 34).

1. ΑΥΤΟΝΟΜΙΑ. Ο Πρόεδρος δεν

1 Autonomia. O [p]/P\refeito deve

Por último, segue o fac-símile do fólho 3 verso do M1, com sua respectiva transcrição (figura 35).



1 [4]/2\0 -

2 60 -

{Linhas 3 à 16 encontram-se em branco.}

17 XX . melhor <^patrimônio> da organização – o [††]<^funcionário>

26 Banco do Brasil é uma Universidade [<^ausentar-se pouco>] da [ /sociedade e muitos/]  
<^vida, ††>

27 < † < /aduladores/

{O seguinte trecho foi inserido a partir deste ponto percorrendo uma diagonal partindo da  
linha 27 até a linha 19. Esse trecho foi escrito em três linhas.}

<com pouca aula de quadro-negro [†] e muita /prática/ na realidade universidade de>  
com pouca [†]<^aula oral> [sua /palavra † repartiu o/]

28 [† de /todos no cotidiano/ da realidade]. Fato que

29 de quando † /vem/ [buscar a] o /pesca de/ † que vão †††

30 {O seguinte trecho foi escrito na entrelinha superior a partir da margem esquerda}

< importante < e † outros. Sempre com seu caso /ali que/<^enquanto> † e ††.

30 \* E amor pelo órgão, tomando o banco

31 como uma coisa <^própria> da sua família. Ali

32 não se fala de nepotismo, funcionário

33 †, pistolão para [dependurar]<^sentar nas †>

34 [nos pregos de parede] os †.

35 Daí um corpo enxuto., denso, capaz, sa-

36 bendo o que fazer, valorizando o mérito, /con-

37 quistando/ posições através de /cursos/ a seu favor, o

Nas seguintes páginas serão representadas as descrições dos fólhos do M2.  
Dar-se-á início pelo fólho 1 anverso (figura 36).





O Banco do Brasil

1  
2  
3 [Para] [q]/Q\quem [o] conhece, [† pelos]<^os> acei-  
4 ros das roças [ , ]<^as> porteiras d[e]/os\ [curral<s>]<^[†] currais.> [e /chiqueiros/.]  
5 sabe [que o B.B. [†] tem feito <^mais> por esses]  
6 [descampados do Brasil]<^que ninguém foi mais por esses descampados> que [muitos  
governos]<^o BB [incluindo].>  
7 [de todos os /degraus/.]<^naipes.> E que suas coifas pe-  
8 netram os [mais] brongos, [das regiões], furan-  
9 do dificuldades, incentivando, [educando],  
10 levando crédito sadio <^†>. Sem demagogia, si-  
11 lenciosamente. Corrupção? Só excepcional-  
12 mente, pois [ , ] ali mora gente de carne e nervos.  
13 Assim mesmo, na camada de um terço pra  
14 baixo <^a crença> [é] [quase zero.]<^quase não existe.> Mas onde mora a  
15 razão de tanta eficiência e correção?  
16 [O que é mais]<^É que o mais> notável [na casa] [<^as suas>]  
17 não são as ordinárias, <^as> preferências e os prédios.  
  
18 [ <†< ] Ali se agasalha \*\* [o <^que há de> melhor [do] <^em> material hu-]<^em  
explêndido>  
  
19 [mano †† <^patrimônio mais que se chama chamado> †. O grande patrimônio: o]  
  
20 [funcionário] <^[de funcionário patrimônio de seu funcionário] maior da organização>.  
Rapazes e moças que passaram  
  
21 pelo fundo da agulha de um concurso duro.  
22 [Mas sobretudo, porque esse pessoal [vem do que] <^de>]<^Vai dos>  
  
23 [uma]<^[de melhor existe] uma> classe média <^faixa do [que de] melhor que existe>  
[n]/d\ a sociedade. Não p[†]/o\de<m>  
  
24 ir à Universidade por falta de recursos mas



25 [tem]<^tiveram> o QI privilegiado para submeter-se ao  
26 julgamento rigorosa e conseguir aprovação. Reú-  
27 ne, [então]<^portanto>, o talento [do caprichoso], a seriedade  
28 da [classe]<^camada social>, a necessidade [e]< , > a escola do trabalho <e>  
29 <^a sociedade> da casa dos pais, e topa<ndo>, na chegada da posse  
30 o ambiente tradicional da probidade e asseio  
31 moral. E pique. Responsabilidade. Competência < . > [†]  
32 [profissional]. Tudo no grupo de funcionários  
33 que se assunta, não se dá à horizontalização  
34 fácil < . > [em favor dos privilégios]. Resiste  
35 heroicamente quando [desprevenidos]<^menos avisados> /querem/  
36 facilidades. Prefere tombar brigando, perdendo

O fólho 1 verso, referente ao M2, encontra-se em branco. Segue-se para o fólho 2 anverso do M2 (figura 37).



1 vantagens e cargos, afastando-se. São os herois  
2 anônimos da honradez. A politicagem pode  
3 entrar pela cumeeira, mas envergonhada, fe-  
4 rindo a filosofia da casa, que é estimular  
5 a produção agrícola, o comércio, a indústria. [†]

{O parágrafo da linha 6 até à linha 17 foi completamente suprimido pelo autor.}

6 Em certo tempo, foi por volta de 1983,  
7 o Banco do Brasil reuniu os lavradores na Fazenda  
8 do Poro, Ipiaú, e emprestou a cada família o su-  
9 ficiente para comprar sua casa e alguns litros de  
10 sementes. Juros de 4% aos 365 dias (hoje os juros  
11 seriam de 4% [aos] <^em cada> três dias). Se bem ele fez  
12 melhor responderam os trabalhadores: <^pagaram tudo> na  
13 risca do prego [†] [dentro dos sadio padrões do]  
14 [† miúdo. Eu gostaria de saber o que]  
15 [a produção representou no balanço do fim]  
16 [do ano do Banco em termos de bem estar]  
17 [social]  
18 Podemos afirmar que [no tempo no] <^incomoda hoje em dia>  
19 [de no incomoda] uma [/pequena/] instituição <^[tão] tão> †.  
20 Incomoda tanto que talvez pretendam afastá-  
21 la do comércio do dinheiro. E vai ser uma pena!  
22 Assim como estamos poluindo rios,  
23 engoivando as floretas, degradando as águas  
24 subterrâneas, envenenando os alimentos (em atitude  
25 suicida) parece que não [podemos] <^nos querem deixar> conviver com o  
26 que é [puro, limpo,] asseado. Temos que corromper.  
27 Corromper como o fazemos com os lagos, as nascen-  
28 tes as veredas buritizadas do Oeste. Para que  
29 tudo fique igual – desgraçadamente igual  
30 Ou [então a /miséria/ <^privada> da † e que] <^alguém>  
31 [deles na realidade o controle do BB não está]

32 [<sup>†</sup><] [satisfeito com]<^está achando> os lucros <^pequenos> e pretende transformá-  
33 lo em um balcão de agiotagem <^comum>, longe dos  
34 seus objetivos [avaliando o] <^{*trecho incompreensível.*}> seu desempenho  
35 pelos balanços da enxúdia monetária, ao invés  
36 de medi-lo pelos sacos de feijão, litros de

O fólio 2 verso do M2 é o seguinte a ser descrito (figura 38).

⊗ Vi muita cobrança do Banco do Brasil  
contra seus devedores. Começava com os processos  
de execução suspensivos até por parte e  
seu exequente da execução. Fazia parecer  
uma fogueira ir ao processo. Sempre se  
encontrava um meio de resolver a difi-  
culdade de seu e medida judicial.

*O parágrafo da linha 10 até a linha 16 foi completamente suprimido pelo autor. Entre as linhas 1 e 9 e as linhas 17 e 36, não há mancha escrita. }*

10 \* Vi muitas cobranças do Banco do Brasil  
11 contra seus devedores. Começava com os processos  
12 chamados suasórios até que partia a  
13 ação /executiva/ da /execução/. Jamais †  
14 uma fazenda ir à praça. Sempre se  
15 encontrava um meio de resolver a difi-  
16 culdade sem a medida fatal.

A sequência será feita pelo fôlio 3 averso do M2 (figura 39).



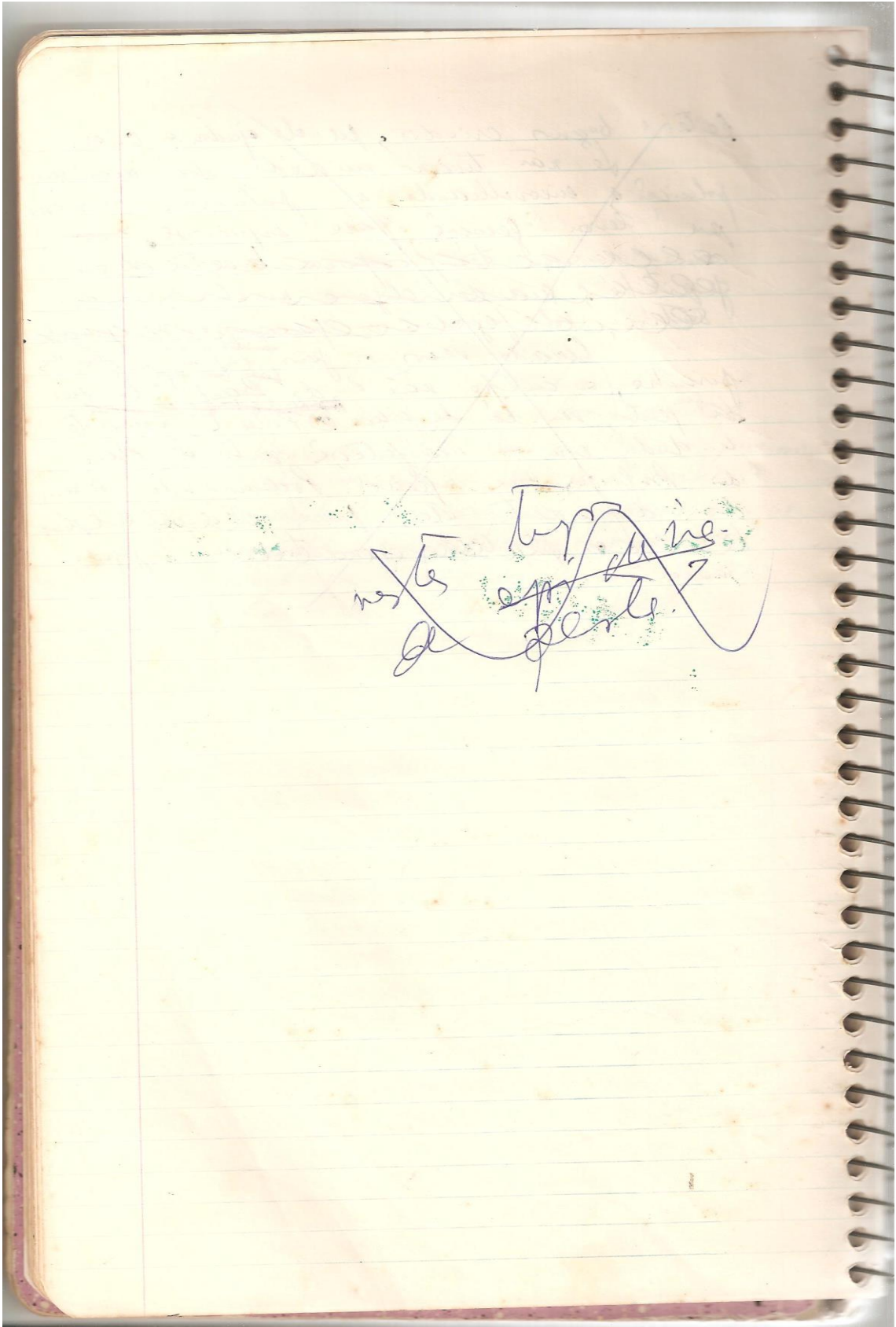


1 leite e bezerros criados, que ele ajudou a criar.  
2 Se não tivermos cuidado será mais uma  
3 poluição [†] um patrimônio humano  
4 que levou gerações para erguer-se < . > [†]  
5 {Linha com *trecho ilegível*}6 {Linha com *trecho ilegível*}7 {Linha com *trecho ilegível*}8 Quando vemos os juro e as correções [de]<^ácidas>  
9 piranha, a culpa não é do [Banco], <^[toda boa sadia]> <vBanco do Brasil> da sua  
10 [†]<^boa> gente, vem lá de cima [†] <^[†††††]>. Portanto, vamos ter  
11 cuidado com as manifestações contra ele Banco  
12 do Brasil nas suas agências. Podemos estar servin-  
13 do de inocentes úteis para [†]  
14 [†] uma jogada  
15 maior.

{*Não há mancha escrita entre as linhas 16 e 36.*}

Por fim, segue o fólho 3 verso do M2 (figura 40).





~~Time~~  
~~Perls~~

{*Escrita inclinada indo de baixo para cima, cobrindo uma mancha escrita entre as linhas 13 e 18. Única mancha escrita desta página.*}

13-18 Nestes tipos de epidemia peste?

Tornando a escritura do autor mais legível, usando-se o recurso da transcrição, poder-se-á fazer uma leitura cuidadosa do processo criativo de *O Banco do Brasil*, na próxima etapa deste trabalho.

## 5 LEITURA DOS MANUSCRITOS

A princípio, o dossiê em questão pode ser visto como uma quantidade de papéis amarelos, envelhecidos pelo tempo, sem qualquer utilidade aparente. Algumas folhas com riscos cruzados, outras em branco, outras ainda com um amplo espaço livre e pouca coisa anotada. Em outros momentos, também, é como se o autor estivesse certo do que estava fazendo, ao escrever um texto corrido e sem interferências. Entretanto, há momentos em que a indecisão autoral fica evidente, sendo que em determinados trechos essa indecisão se instala de tal forma que é difícil entender onde começa a escritura, para onde vai e onde os pensamentos almejam chegar.

### 5.1 ANÁLISE DOS DOCUMENTOS DA GÊNESE DE *O BANCO DO BRASIL*

Com a análise dos movimentos ocorridos na escritura dos M1 e M2, pode-se quantificá-los conforme mostram as tabelas abaixo e tais dados serão utilizados na leitura do processo criativo de *O Banco do Brasil*.

**Tabela 1 - Manuscito 1 (M1)**

Referência	Operador genético	Movimento	%
Acréscimo	< >	5	1
Supressão	[ ]	94	24
Acréscimo na margem direita	> >	0	0
Acréscimo na margem esquerda	< <	2	1
Acréscimo na entrelinha superior	^	62	16
Acréscimo na entrelinha inferior	v	3	1
Substituído por sobreposição	[ ]/\	14	4
Ilegível	†	136	35
Inferência, leitura conjecturada	/ /	75	19
Acréscimo na entrelinha superior, acima de outro acréscimo na entrelinha superior	^^	1	0
<b>TOTAL</b>		<b>391</b>	<b>100</b>

**Tabela 2 - Manuscito 2 (M2)**

<b>Referência</b>	<b>Operador genético</b>	<b>Movimento</b>	<b>%</b>
Acréscimo	< >	6	4
Supressão	[ ]	72	46
Acréscimo na margem direita	> >	0	0
Acréscimo na margem esquerda	< <	2	1
Acréscimo na entrelinha superior	^	42	27
Acréscimo na entrelinha inferior	v	1	1
Substituído por sobreposição	[ ]/\	4	3
Ilegível	†	24	15
Inferência, leitura conjecturada	/ /	7	4
Acréscimo na entrelinha superior, acima de outro acréscimo na entrelinha superior	^^	0	0
<b>TOTAL</b>		<b>158</b>	<b>100</b>

Percebe-se que o escritor visita o texto algumas vezes, ao longo do processo, e suas marcas são registradas. Os aparentes movimentos de seu pensar são registrados com instrumentos de cores variadas: às vezes, usa a caneta esferográfica azul, outras em tonalidade preta. Buscou-se lidar com dois prototextos – M1 e M2 – com diferentes características de feitura.

O M1 é apresentado em três fólios, sendo que a mancha escrita do primeiro fólio, no seu anverso, apresenta uma redação fluente. Há apenas algumas interferências, que ocorrem numa campanha, em um segundo momento. Essas marcas são registradas com o cancelamento de palavras e as correspondentes substituições lançadas logo acima, na mesma linha.

Ainda no primeiro fólio, mas agora no seu verso, o autor parece passar por momentos titubeantes. Há um conflito de ideias que não conseguem chegar a um consenso. Nesse momento, percebe-se o desenvolvimento de um pensamento fluente na parte central da mancha escrita, com algumas interferências que se apresentam no decorrer desse pequeno trecho. Alguns cancelamentos são promovidos, às vezes linhas inteiras eliminadas sem nenhuma substituição; em outras ocasiões, o autor substitui determinadas palavras por outras,

alocando-as logo acima, na mesma linha. Percebem-se, então, movimentos, num segundo momento.

O mais curioso, no verso desse fólio, é a vontade do autor de inserir trechos em espaços vagos, independente de como isso possa acontecer. Essa busca incessante por palavras que possam preencher os espaços em branco do fólio são representados em dois blocos de escrita, o primeiro inserido a cerca de quarenta e cinco graus à direita do texto; e um segundo, inserido na margem esquerda do fólio, no sentido vertical. Pela dinâmica do texto, percebe-se que o segundo bloco de ideias deverá ser inserido no meio do texto e que se trata de um adendo em que o autor tenta explicar o seu papel de advogado de defesa na sociedade.

Se fizermos esses manuscritos dialogarem com a entrevista de Denise (2012), ficara ali registrado que o pai da entrevistada havia: “[...] começa{do} a atuar muito também na área criminal, mas para defender. Ele tinha uma política de jamais acusar. Sempre foi um advogado de defesa”. Ou seja, seu pai sempre estava do lado dos menos favorecidos e isso se apresenta em todo o seu texto.

Seguindo com a análise, no anverso do terceiro fólio, encontra-se uma redação menos conflituosa em relação ao que se apresentou no fólio anterior. Há certas interferências de um segundo momento, em que supressões e acréscimos na entrelinha superior são oferecidos. Observa-se uma interferência mais organizacional, isto é, o autor tenta adequar as palavras ao texto, ao invés de acrescentar trechos complementares. Entretanto, o verso desse fólio se mantém totalmente em branco.

Há uma pequena tentativa de retomar o texto no anverso do fólio seguinte, o terceiro, que é abandonada imediatamente – *1 Autonomia. O [p]/P\refeito deve* – uma vez mais um enorme espaço em branco é registrado. Uma nova tentativa de retomar o texto é percebida, no anverso desse fólio, mas parece que, por algum motivo, o autor deixa a primeira metade do fólio em branco, utilizando-se, apenas, da segunda metade. Aqui, encontram-se momentos de interferência. Há certa fluência no texto, mas com alterações num segundo momento, com marcas indicando supressões e substituições inseridas na entrelinha superior. E, também, há um terceiro momento notavelmente identificado pela ferramenta utilizada, uma caneta esferográfica preta; essas marcas destoam daquelas registradas na construção do trecho em que fora usada uma caneta esferográfica azul.

Percebe-se que, mesmo chegando ao fim do M1, em comparação ao texto impresso, não há finalização desse texto manuscrito, o que pode ser observado com a leitura da última frase, que se inicia na linha 35 e prossegue até a linha 37: *35 Daí um corpo enxuto., denso, capaz, sa- 36 bendo o que fazer, valorizando o mérito, /con- 37 quistando/ posições através*

*de /cursos/ a seu favor, o.* Nenhum outro documento que pudesse indicar continuação deste foi encontrado na biblioteca do autor, que, segundo Denise (2012), desconhece qualquer outro indício referente a tal texto.

Levando-se em conta a segunda versão de *O Banco do Brasil*, notam-se diferenças significantes em relação à primeira versão. Entretanto, esta já se aproxima bastante do texto impresso. Assim sendo, será que se poderia indagar sobre a existência de uma possível versão intermediária, apesar do desconhecimento de uma das filhas (Denise). Se existiu, nessas circunstâncias, talvez tenha se perdido, ou até mesmo sido destruída. E, para que se possa demonstrar as diferenças marcantes entre ambas as versões, passa-se, a seguir, ao M2.

No anverso do primeiro fólio, encontra-se uma redação corrente e sem muitas titubeações na escritura de primeiro jato. Num segundo momento, o autor faz algumas alterações, valendo-se de supressões de certas palavras, com algumas substituições na entrelinha superior. O autor apresenta uma escrita bastante direta e dinâmica, sem muitos desvios na apresentação das ideias. No terceiro momento, encontram-se alterações significativas, que tornam o texto mais dinâmico e direto, parecido com o texto impresso. Aqui, o autor revela a sua capacidade de sintetizar os fatos de maneira clara e objetiva, procurando formular frases curtas, misturando um linguajar às vezes difícil de ser entendido por pessoas que não pertencem à região, mas que os habitantes da zona cacauera conhecem bem.

O verso desse primeiro fólio encontra-se em branco. Talvez apenas por descuido do próprio escritor de ter *pulado* essa página e não por ausência de ideias, ou momento de reflexão; pois a continuação do texto aparece imediatamente no anverso do segundo fólio, com a conclusão do pensamento desvelado até a quinta linha. Não há interferências nessas primeiras cinco linhas.

O texto continua nas linhas seguintes. Entretanto, percebe-se que esse recomeço acontece numa segunda tentativa, pois a ferramenta usada, a caneta esferográfica preta, apresenta-se no restante do corpo do texto, invadindo até o anverso do terceiro fólio. Nota-se, também que, apesar de haver fluidez na escritura do texto, as linhas 6 até a 17 foram totalmente eliminadas, apresentando alterações registradas antes do autor ter tomado alguma decisão. O restante do texto apresenta algumas poucas interferências, mais uma vez, com supressões e acréscimos na entrelinha superior; também há poucas eliminações e raros acréscimos isolados.

No verso do segundo fólio, o autor ocupa uma pequena mancha escrita, que vai das linhas 10 a 16. Tudo indica que esse trecho se refere ao mesmo do verso do primeiro fólio do

M1, em que o autor, como dito anteriormente, manifesta sua habilidade - para resolver os problemas de maneira a não tomar atitudes drásticas. Esse mesmo trecho – verso do segundo fólio do M2 – apresenta a indicação \*, possivelmente informando ser um trecho que deveria se encaixar em alguma parte do texto. Diferente de sua referência no M1, esse trecho foi descartado pelo autor e, conseqüentemente, não aparece no texto impresso.

O averso do terceiro fólio apresenta o término da interferência do autor, num segundo momento, sendo que novas interferências irão surgir num terceiro estágio com supressões e substituições na entrelinha superior. Apenas a metade desse fólio é utilizada.

Uma nota tentativa de retomada do texto ocorre no verso do terceiro fólio com a utilização da caneta esferográfica azul. Uma pequena mancha escrita revela o trecho de uma frase curta, que é abandonada pelo escritor.

Portanto, nota-se que o autor fez mudanças significativas do M1 para o M2, havendo poucas alterações deste em relação ao texto impresso. Subentende-se que possa ter havido outro testemunho, manuscrito ou datiloscrito; possivelmente, teria sido no momento em que o autor finalizou o texto para enviá-lo à editora para impressão. Entretanto, os herdeiros do autor desconhecem outros documentos relacionados com a feitura desse texto.

Até aqui, pode ser observado que o autor interviu no M1, cerca de duas vezes e meia a mais em relação ao texto do M2. Isso indica que o M2 está mais próximo do texto de chegada, o texto impresso. Os movimentos de supressão em ambos os manuscritos são bem superiores aos movimentos de acréscimo, dando a entender que o autor traz para sua escritura, ideias repletas de informações, que serão revisitadas em outros momentos.

Outro item bastante significativo na análise foi a dificuldade de entender sua escrita, de modo que o pesquisador teve que lançar mão do recurso da inferência, com base no contexto do documento em estudo. Mas, como dito anteriormente, o autor tenta resgatar a cultura do povo o máximo que pode; portanto, fazia-se entender através de um vocabulário bastante peculiar da região como, por exemplo, usando palavras como *enxúdia*, que significa: gordura animal, banha (PRIBERAM, 2011).

Segundo a filha, Denise (2012), em entrevista concedida, ela afirma que o pai era uma pessoa que tinha de registrar seus pensamentos inquietos no momento em que surgiam. Assim, nota-se que a necessidade de memorizar suas ideias no papel fazia-se urgente, no momento da pré-redação, e Euclides Neto não sabia esperar. Segundo Biasi (1997, p.10), a fase pré-redacional se compõe de duas fases: a explanatória e uma de decisão, podendo a explanatória “[...] resultar em várias tentativas espaçadas no tempo, algumas muito anteriores à redação”. Assim, manifestar-se-ia em “[...] uma sucessão esporádica de falsas partidas

escalonadas no tempo antes que o projeto propriamente dito se destaque sob a forma de uma idéia de redação que poderá evoluir favoravelmente [...]” (BIASI, 1997, p.11). Como foi mencionado na entrevista dada por sua filha, era uma pessoa desorganizada no que se refere aos seus papéis e livros da biblioteca, mas ele se entendia naquele aparente caos da criação.

Há, inclusive, um pequeno trecho da entrevista, que ilustra esse *modus faciendi* de Euclides Neto, bem como o seu grande apreço pela Instituição Banco do Brasil, objeto desta análise

**Denise:** Aquilo fervilhava dentro dele. Então, aqui...um assunto...na hora que você fosse embora...ele ia escrever...meu pai tinha uma disciplina absurda de trabalho. Então podia ter trinta pessoas aqui, ele tinha um momento que se recolhia...em qualquer lugar ele escrevia...podia ser nessa mesa [*mesa de jantar na casa de praia de Denise*]. Lá [*casa de praia do autor*] sempre no escritório, que era o lugar dele. Mas se ele tivesse aqui, no quarto dele aqui tem um mezanino que tem uma pequena escrivaninha. Era ali que ele escrevia. Mas ele podia escrever aqui também, se lá tivesse muita confusão. Mas no momento que ele sentia a necessidade de escrever, ele precisa parar e escrever.

**Marcelo:** Registrava aquele momento.

**Denise:** Registrava. Às vezes ele tinha um papelzinho, ele tinha uma cadernetinha que ele sempre anotava tópicos aí depois ele desdobrava tudo.

**Marcelo:** Agora...por que ele gostava tanto da Instituição Banco do Brasil? Isso tinha a ver com as pessoas do interior que trabalhavam na fazenda também?

**Denise:** Isso tinha a ver com a ajuda que o Banco do Brasil trouxe pra os produtores, os financiamentos... Por que o Banco do Brasil ele começa com a ideia não de lucro, mas de ajuda à comunidade. Por isso o Banco do Brasil.

**Marcelo:** Ele mostra muito no texto dele *O Banco do Brasil* publicado no livro *O Menino Traquino*...ele mostra bem isso na escrita dele.

**Denise:** Pois é. Era uma forma de ajudar com empréstimo, a com a devolução com juros baixos, era uma forma de ajudar o produtor, e não grande, era pequena.

Como se pode observar, o interesse pelo autor em relação aos menos favorecidos era tão grande, que ele lia tudo que fosse de benfeitoria para esse tipo de gente. Era comunista convicto e qualquer ideia que pudesse contemplar a questão da igualdade para todos sempre era bem vinda. Daí a sua necessidade de procurar novos caminhos, novas fontes de conhecimento para dar conta desse tema conforme fica evidente, sua biblioteca era composta por muitos livros sobre diferentes áreas do conhecimento humano.

Para obter matéria para o seu texto, estava sendo buscando novas informações, que pareciam fervilhar dentro dele. Se lhe surgisse uma ideia nova, mas houvesse muitas pessoas em volta, ele a guardava para si, na memória, ou anotava alguns tópicos para desdobrá-los



posteriormente. Quando ficasse sozinho, então, passava a rascunhá-los no papel. Mas, havia momentos em que as ideias não podiam esperar; então, pedia-lhes licença e colocava as ideias imediatamente no papel, mesmo que em meio a uma confusão. Ele tinha necessidade de registrar determinados episódios e tudo o que lhe chamava a atenção.

Ao buscar toda essa complexa fonte de conhecimento, não é de se admirar que tenha conseguido ter uma compreensão grande dos problemas do povo de sua região, o que, com sensibilidade, discutia em seus textos. Ao pensar sobre a biblioteca do autor e como ela serviria de fonte de pesquisa para a feitura do texto de Euclides Neto, pode-se fazer uma associação entre esses volumes utilizados para pesquisa, especialmente na fase pré-redacional.

Como ele era um ávido leitor, lia tudo: jornal, livro, e, além disso, observava tudo à sua volta, ele sabia olhar as coisas e usava tudo isso como matéria prima de sua escrita. Ele buscava economizar água, já naquele momento, e preocupava com a preservação das nascentes, muito antes de haver uma discussão mundial sobre isso.

Pode-se pensar, então, que Euclides Neto era um escritor atualizado e conectado com o mundo, sabendo utilizar os *nós* de conhecimento, provenientes de sua pesquisa, para refletir sobre questões sociais e políticas da sua região, que muito o afligiam. Assim, onde houvesse possíveis respostas para trazer mais esperança e condições de vida para o povo de região, ele iria buscá-las. É assim que se pode entender o tecer das ideias desse grande autor em seus textos: nele, as informações pesquisadas se cruzam em determinados pontos e enveredam por caminhos múltiplos. Assim, talvez, possam ser entendidas as diversas supressões e os acréscimos de informações em seus textos; essas operações genéticas não devem ser tomadas isoladamente, mas, também, como um sistema, como um complexo de informações que vão se desdobrando. E, nessas trilhas de sua criação, por vezes, nota-se a sensação de um vazio ou uma pausa para reflexão, evidente em determinadas partes do texto de Euclides Neto; nesses momentos subentende-se que há sempre pausas para as tomadas de decisão. Mas qual o caminho a tomar?

Segundo Salles (2002, p. 185), movimentos de idas e vindas são executados em todo momento, ao longo da criação:

A semiose, ou ação do signo, é descrita como um movimento falível com tendência, sustentado pela lógica da incerteza, englobando a intervenção do acaso e abrindo espaço para o mecanismo de raciocínio responsável pela introdução de ideias novas. Um processo onde a regressão e a progressão são infinitas.

Além disso, o contexto histórico em que viveu Euclides Neto, mostrou-se bastante propício ao fomento das ideias de igualdade, como foi visto na entrevista com a qual esta análise dialoga. Ele estava sempre atento para incorporar, à sua vida e à sua escritura, essas novas ideias que surgiam e buscava trilhas que pudessem levá-lo a novas descobertas ou a novos horizontes. Na década de 1980, período em que o texto *O Banco do Brasil* foi idealizado, como já ficou registrado na entrevista, observaram-se grandes transformações, tanto no cenário nacional, como no internacional. Euclides Neto sempre se manteve atualizado com o que acontecia e para ilustrar isso, há um texto de Silva (2012) no qual se narra os acontecimentos da Instituição do Banco do Brasil, na década de 1980, cujos fatos narrados se assemelham ao que a escritura de Euclides Neto nos apresenta, no verso do primeiro fólio do M1:

No caso do Brasil, acostumado a ser financiado externamente a taxas pós-fixadas (basicamente, qualquer empréstimo pode ser contraído a taxas pré-fixadas ou pós-fixadas, o devedor saberá exatamente a taxa que será cobrada sobre o valor total de sua dívida durante todo o período de sua vigência. Nos casos dos empréstimos contraídos a taxas pós-fixadas, o mercado financeiro é quem definirá o valor dos juros cobrados durante todo o período, aumentado significativamente a imprevisibilidade do custo da dívida e consequentemente os riscos ao devedor), o impacto não poderia ter sido pior. Em um primeiro momento, o governo e as empresas endividadas interna e externamente viram-se frente a frente com o fantasma da recessão mundial e a escassez de capital e a redução das possibilidades de refinanciamento [...]

Assim, Euclides Neto nos ofereceu caminhos para que se pudesse observá-lo no contexto de sua cultura onde travava trocas constantes de opiniões, ideias e conceitos com os grandes intelectuais de sua época, a partir da leitura de seus textos.

Ainda considerando a influência do contexto histórico, na feitura da sua obra, é interessante lembrar que Euclides Neto teria apreciado muito a contribuição dada pelo Banco do Brasil na tentativa de reerguer a produção de cacau da região, em épocas difíceis da década de 1980. Barros (2012), em seu texto *A saga do cacau na Bahia*, mostra a vida das pessoas que passaram por momentos de necessidade, especialmente na região sul da Bahia, e ele discute como o Banco do Brasil teria ajudado alguns desses agricultores:

Maria do Carmo dos Santos, a Carminha, cresceu rodeada por pés de cacau, fazendo a limpeza das roças durante a entressafra, quebrando os frutos que colhia das árvores, separando as amêndoas da polpa esbranquiçada, pisando as sementes que secavam nas barcaças. Sua família perambulou por diversas cidades do sul da Bahia empregada por patrões que, via de regra, nunca respeitaram os benefícios trabalhistas a que teria direito. A lavoura do cacau, por ser permanente, absorve uma

grande quantidade de mão-de-obra e, no cotidiano de uma fazenda, tudo é feito pelos braços de homens e mulheres, como há um século. Não existe espaço para a mecanização e o lombo das mulas ainda é o transporte por excelência.

Estima-se que 200 mil pessoas tenham perdido seus empregos em decorrência da mais cruel das crises enfrentadas pela cacauicultura baiana. Além do previsível êxodo rural, nos últimos quinze anos também se observou uma crescente organização dos movimentos de luta pela terra. Carminha tentou a sorte como empregada doméstica, mas o sonho de tocar o próprio lote lhe deu a motivação necessária para agüentar três anos acampada sob uma lona preta, até que a fazenda Boa Lembrança, em Itabuna, fosse considerada improdutiva e desapropriada pelo Incra. Na parte que lhe coube – seis hectares – Carminha planta mandioca, algumas hortaliças e uma variedade de frutas. Mas só o cacau ocupa metade da área. Com recursos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), ela comprou três mil mudas resistentes ao fungo amazônico, e espera vê-las produzindo daqui a poucos anos.

“A vassoura de bruxa é a madrinha da reforma agrária aqui na região”, define Júlia Oliveira, coordenadora da Federação dos Trabalhadores na Agricultura (Fetag-BA). Prova disso é que, dos 113 assentamentos localizados naquela área, onde residem aproximadamente seis mil famílias, a esmagadora maioria foi criada na década de 90 em grandes fazendas abandonadas por proprietários descapitalizados. Justamente porque o principal gasto para fazer a manutenção de uma roça de cacau e, conseqüentemente, o melhor remédio para combater a vassoura, ainda é a mão-de-obra. Mas isso os assentados têm de sobra. “A agricultura familiar tem tudo para fazer com que a cacauicultura possa se reerguer numa outra base econômica”, analisa Fernando Vargens, do Incra.

Além do pagamento da dívida com os historicamente explorados trabalhadores rurais, apesar de oito mil famílias ainda aguardarem pelo lento e burocrático processo de desapropriação de fazendas pelo governo, no sul da Bahia, as autoridades precisam encarar de frente outros dois grandes desafios: a recuperação e a diversificação da produção. “Com o cacau não existe ‘embeleco’”, explica Roque Coutinho, um dos agricultores do assentamento Nova Vitória, em Ilhéus. Ele quer dizer que, com um punhado de amêndoas no bolso ou um caminhão transbordando de sacas, é impossível não achar comprador. “E as fábricas de moagem pagam de imediato. Não é como o boi que o dono leva trinta dias para receber. Mesmo com toda a crise, a liquidez se manteve”, completa Isidoro Gesteira.

[...] O engenheiro carioca foi um dos cacauicultores contemplados pelo programa lançado em 1995 pelo Governo Federal. Nas duas primeiras etapas juntas, Botelho tomou emprestados cerca de R\$ 200 mil. E, somando a terceira e a quarta, o volume de recursos repassados a ele pelo Banco do Brasil mais do que dobrou.

Observando-se, ainda, os fatos acima narrados, pode-se considerar a declaração de Euclides Neto (1994), em seu texto impresso, em que pede para que se tenha cuidado com as manifestações contra o Banco do Brasil e que o maior patrimônio dele, O Banco do Brasil, não é o material, mas o humano, que não se pode perder.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações finais deste estudo, seria oportuno retomar e destacar temáticas importantes deste trabalho desenvolvido.

O objetivo desta pesquisa era o de abordar o processo de criação de Euclides Neto, através de uma análise crítica do texto *O Banco do Brasil*, cujos manuscritos contêm mais de uma versão. A ideia seria buscar entender os caminhos trilhados pelo autor, bem como determinadas decisões tomadas por ele, ao longo de sua criação. Tais decisões mostraram-se importantes para análise, pois esse texto carrega informações significativas sobre o contexto de uma região cacauera da Bahia e de como o autor pode interferir sobre essas questões sociais e políticas de sua época, do espaço físico em que viveu.

A fim de elucidar pistas da escritura de Euclides Neto, foi necessário percorrê-la, primeiramente, através de seus manuscritos, antes de chegar ao texto entregue ao público. Assim, observou-se a necessidade de se recorrer ao eixo teórico-metodológico da Crítica Genética a fim de percorrer o caminho trilhado por Euclides Neto no ato da escritura de sua obra em questão, *O Banco do Brasil*. No que concerne à metodologia de trabalho, buscou-se seguir os passos da teórica Almuth Grésillon (2007), que diz que o pesquisador deve: reunir, classificar, decifrar, transcrever e editar (neste trabalho não era previsto a realização da edição) dossiês manuscritos para que se possa traçar o caminho da escritura de um texto. Essas etapas apresentam características diferentes em cada caso, conforme o estado em que se encontra cada manuscrito.

Seguindo esse raciocínio, o trabalho foi desenvolvido em etapas visando sempre tecer reflexões sobre questões teóricas e aplica-las à análise dos manuscritos da crônica *O Banco do Brasil*, objeto de estudo desta pesquisa. Essa análise foi enriquecida, especialmente, pela entrevista concedida por uma das filhas do autor, Denise Mendonça Teixeira, que esclareceu pontos importantes para a composição da análise do processo de criação do texto em apreço. Para melhor visualizar a escrita do autor, fez-se a descrição dos manuscritos selecionados, considerando-se o espaço físico da sua biblioteca particular, na busca de entender e tecer relações entre os manuscritos estudados e suas possíveis influências. A biblioteca do autor forneceu pistas sobre suas viagens nacionais e internacionais, corroborando para fortalecer os conceitos de comunismo e igualdade dos povos, que permeavam suas ideias.

Os resultados deste estudo mostraram que o escritor, conforme certas hipóteses apontavam, tinha pensamentos e atitudes voltadas para os trabalhadores rurais, especialmente

da região em que habitava – os menos favorecidos – cujas evidências são indiciadas em todo o seu texto. Apesar de os manuscritos não estarem identificados com as datas da época de sua escritura, pode-se identificar a certeza da década (1980), mas não do ano exato de sua elaboração.

Claramente, os dados compilados, ao longo desta pesquisa, e as conclusões às quais se chegou não pretendem ser exaustivas e universalmente aceitáveis, mas acredita-se que podem ser considerados, de qualquer forma, relevantes para que novas pesquisas com o acervo do autor sejam desenvolvidas. Espera-se, dessa forma, ter dado uma contribuição para uma maior clareza acerca dos processos de criação de uma determinada obra, além de colocar em evidência uma obra que merece ser melhor estudada. Assim, almeja-se que o caminho traçado por esta pesquisa seja seguido e desenvolvido por outros pesquisadores, em outros trabalhos no escopo da Crítica Genética.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Carlos Juliano. *A saga do cacau na Bahia*. Disponível em: <<http://www.reporterbrasil.com.br/exibe.php?id=57>>. Acesso em: 2 jan. 2012.
- BELLEMIN-NOËL, Jean. *Le texte et l'avant-texte*, Paris: Larousse, 1972.
- BIASI, Pierre-Marc. A. In: BERGEZ, Daniel et al. *Métodos críticos para a análise literária*. Trad. Olinda Maria Rodrigues Prata, rev. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 1-44.
- \_\_\_\_\_. O horizonte genético. In: ZULAR, Roberto (Org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: CAPES; FAPESP; Iluminuras, 2002. p. 219-252.
- \_\_\_\_\_. *La génétique des textes*. Paris, Nathan Université, 2000.
- BNDES. Disponível em: <[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/livro50anos/Livro\\_Anos\\_80.PDF](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/livro50anos/Livro_Anos_80.PDF)>. Acesso em: 12 dez. 2011.
- CARVALHO, Rosa Borges Santos. O processo de construção do texto literário: Arthur de Salles nos entrelaces da tradição. In: SILVA, Márcia Rios da; BLANCO, Rosa Helena (Org.). *Estampa de letras: literatura, linguística & outras linguagens - ensaios*. Salvador: Editora UNEB, 2004. p. 49-68.
- CUSTODIO, Marcelo Pereira. *Fotos da biblioteca de Euclides Neto*. 2011. 31 fotografias.
- DUARTE, Luiz Fagundes. Manuscritos: para que servem. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, n. 20, p. 11-19, set. 1997.
- GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de crítica genética : ler os manuscritos modernos*. Tradução Cristina de Campos Velho Birck et al., superv. Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. Porto Alegre: EDUFRGS, 2007.
- GRÉSILLON, Almuth. Crítica genética, prototexto, edição. In: GRANDO, Ângela; CIRILLO, José (Org.). *Arqueologias da criação: ensaios sobre o processo de criação*, 2009. p. 41-51.
- HAY, Louis. “O texto não existe”: reflexões sobre a crítica genética. In: ZULAR, Roberto (Org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: CAPES; FAPESP; Iluminuras, 2002. p. 29-44.
- \_\_\_\_\_. Ler os manuscritos. In: HAY, Louis. *A literatura dos escritores: questões de crítica genética*. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão, rev. tec. Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: EDUFMG, 2007. p. 91-126.
- NETO, Euclides. *O menino traquino: crônicas políticas e crônicas leves*. São Paulo: Littera, 1994. p. 80-81. Texto impresso.

\_\_\_\_\_. *O Banco do Brasil*. Caderno de manuscrito autógrafo. Ipiaú, [198-]. 121 p.

\_\_\_\_\_. *O Banco do Brasil*. Caderno de manuscrito autógrafo. Ipiaú, [198-]. p.35-40. Manuscrito 1.

\_\_\_\_\_. *O Banco do Brasil*. Caderno de manuscrito autógrafo. Ipiaú, [198-]. p.41-46. Manuscrito 2.

\_\_\_\_\_. *Sessentão*. Arquivo virtual. Ipiaú, 1985.

\_\_\_\_\_. *Dicionareco: das roças de cacau e arredores*. Ilhéus: Editus, 1997.

PRIBERAM, Língua Portuguesa Dicionário. *Enxúdia*. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/Default.aspx?pal=enxC3%BAAndia>>. Acesso em: 2 out. 2011.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 102ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SALLES, Cecília Almeida. Crítica genética e semiótica: uma interface possível. In: ZULAR, Roberto (Org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: CAPES; FAPESP; Iluminuras, 2002. p. 177-201.

\_\_\_\_\_. “Diálogo na crítica genética”. In: REVISTA *Manuscritica* n. 5, São Paulo: 1995. p. 29-35.

\_\_\_\_\_. *Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística*. 3. ed. São Paulo: EDUC, 2008.

\_\_\_\_\_. O crítico nas redes de criação. In: GRANDO, Ângela; CIRILLO, José (Org.). *Arqueologias da criação: ensaios sobre o processo de criação*, 2009. p. 69-83.

SILVA, Walter Franco L. da. *Macroambiente e cenários econômicos*. Disponível em: <[http://www.cebrap.org.br/v1/upload/biblioteca\\_virtual/combate\\_o\\_desemprego\\_na\\_regiao\\_cacaueira.pdf](http://www.cebrap.org.br/v1/upload/biblioteca_virtual/combate_o_desemprego_na_regiao_cacaueira.pdf)>. Acesso em: 2 jan. 2012.

TEIXEIRA, Denise Mendonça. *Denise Mendonça Teixeira*: depoimento [jan. 2012]. Entrevistador: M. Custódio. Salvador: Casa de praia da entrevistada, 2012. 1 arquivo Windows Media Audio 22219KB. Entrevista concedida à Dissertação Análise do processo de criação de Euclides Neto: manuscrito autógrafo de *O menino traquino*.

**APÊNDICE A** – Entrevista de Denise Mendonça Teixeira, concedida em Salvador no dia 8 de janeiro de 2012.

**Marcelo:** Ok. Então, agora, vamos começar a entrevista com uma das herdeiras do escritor Euclides Neto, o seu nome é Denise Mendonça Teixeira e através dessa entrevista vamos analisar um pouquinho mais sobre esse grande autor baiano. Denise, onde exatamente o seu pai nasceu?

**Denise:** Olha, primeiro acho que chamar de herdeiro é engraçado, né? Acho melhor falar filha.

**Marcelo:** Filha!

**Denise:** Porque, afinal, acho que a gente não herda, quando a gente fala de herda a gente tá falando de uma herança material e eu acho que o que a gente herdou dele não foi herança material se a gente herdou alguma coisa foi a forma dele ser se é que a gente tem um pouquinho disso né? Meu pai nasceu em Ubaíra hoje, se chama Ubaíra o município, um município, mas na época se chamava Jenipapo e ele sai de lá com os pais aos cinco anos porque uma crise de café na região acaba com o café e a família tinha produção de café então na verdade os pais saem por conta dessa crise financeira da família. Nas duas famílias porque meu avô e minha avó eram primos carnais então eles saem da região porque a região fica empobrecida por conta da crise do café nessa região né e vai pra Ibirataia que é próxima a Ipiaú. E meu pai vai pra escola com sete ou oito anos e ele tem como professora uma professora que ele chama de leiga porque era uma professora que sabia muito pouco mas era a professora da região e ela foi a professora das letras, das primeiras letras de meu pai, então meu pai faz o primário em Ibirataia, que na época chamava Tesouras, e ele tem essa primeira professora chamada leiga mas que ele dava muito valor e sempre dizia que essa era a professora que poderia ficar no interior na roça que qualquer professora que tivesse o nível média ela sairia não dava conta de atender as crianças da região. Então meu pai faz o primário, eu não sei se o primário todo foi com a mesma professora mas a primeira professora era uma professora leiga e aí meu pai na quinta série [*hoje sexto ano*] meu avô já tinha algum recurso não muito mas meu avô vai se desfazer de algum gado que era pouco pra que meu pai vá para um colégio interno Antônio Viera meu pai vai interno faz todo o ginásio no Antônio



Viera mas chega um momento onde o meu avô não pode mais mantê-lo então ele vai sair do Antônio Vieira e vai pra uma escola pública que era o Central que na época eu acho que era Carneiro Ribeiro e ele passa mas nessa época da escola ele conheceu um padre que era o Padre Torrend que... o Antônio Vieira é uma escola jesuíta, né, ele conhece um padre que vai dar trabalho pra ele pra que ele possa se manter nos estudos então aí a família não pode mais mantê-lo ele tem que trabalhar e esse padre dá essa possibilidade de trabalhar num pensionato de cuidar de um ... eles tinham em Itaparica, os padres, eles tinham em Itaparica uma espécie de um ... uma casa de velhos uma casa de repouso e meu pai faz a uma travessia pra Itaparica pra trabalhar e manter velhos ajudar a manter pai e o pai dele vai é um dos primeiros a plantar cacau na região numa situação de precariedade eles vem de lá uma comissão muito limitada financeira e aí ... bom meu pai vai pra Salvador estuda no Antônio Vieira sai do Antônio Vieira porque não tem mais condição não consegue mais mantê-lo e ele vai trabalhar e vai pra um colégio público ele... esse... essa proximidade dele com a escola com o Antônio Vieira com os jesuítas descortina pra ele um mundo novo ele passa a se interessar muito pelo conhecimento pela ciência pelo português pela literatura e esse professor que era o Padre Torrend vai ser uma espécie de tutor dele e ainda no colegial [hoje ensino médio] meu pai vai escrever um ensaio que se chama *Por que o homem não veio do macaco* então essa coisa da escrita pra ele é fundamental é algo que faz parte da vida dele desde muito cedo . A primeira coisa que eu sei que ele escreveu é ... foi esse ensaio, né. Bom, daí ele vai fazer vestibular e vai entrar ... já lia, nessa época já lia clássicos... ele morava numa pensão muito barata porque era o que ele podia pagar mas ele tinha acesso às bibliotecas ele já descobre os russos ele começa a ler muito ... ele começa a ler muito, muito jovem ... quinze anos dezesseis anos dezessete anos e começa a ler e começa a escrever. Eu acredito que a escolha pelo direito tenha sido muito... porque era uma carreira valorizada quer dizer uma família que tinha advogado era um advogado médico e padre e ele gostava de escrever o pai dele apesar de ser de poucas letras mas era um homem que escrevia bem lendo as cartas de meu avô pro meu pai ele escrevia muito bem ele construía muito bem o texto e eu acredito que o direito tenha sido mesmo uma escolha pela letra pelo texto pela importância do texto no direito pela carreira possível pros homens da época que podiam estudar. Quer dizer acho que não foi medicina porque medicina o cara não escreve e direito o cara escreve acredito que por isso a escolha, né. Bom, aí, meu pai conhece minha mãe porque meu pai vinha nas férias e vinha trabalhar nesse meio tempo meu avô se endividou e praticamente perdeu a fazenda e meu pai se mantinha e no último ano de faculdade ele ficava quinze dias em Salvador e quinze em Ipiaú ajudando ele em Ipiaú Ibirataia era grande a fazenda ajudando a minha vó a não perder a

fazenda que não era grande mas meu avô endividou toda e meu passa a passar quinze dias por mês nessa fazenda ajudando minha vó a produzir e pagar a dívida de meu avô que era um sujeito totalmente irresponsável apesar de ser um cara chistoso, engraçado, inteligente, mas era um cara irresponsável . Então meu pai passa o último ano de faculdade entre Salvador e Ibirataia na fazenda morando na roça pra recuperar isso que meu avô tinha endividado. Com isso ele teve muito contato com a terra, com o trabalhador rural, ele viu que era um trabalho braçal, ele fazia cerca, ele cuidava de gado, ele plantava cacau, ele trabalhou mesmo o braço.

**Marcelo:** Talvez aí ele tenha o verdadeiro exercício do direito. Aonde ele talvez consiga ir à busca da justiça, digamos assim.

**Denise:** É da justiça e do valor do trabalho braçal. Meu pai sabia que o trabalho braçal tem tanto valor quanto um trabalho intelectual. Bom aí com certeza dessas vindas ele conheceu minha mãe que era de Ipiaú e minha mãe tinha um irmão que tinha um tabelião...tinha um tabelionato que o pai de minha mãe também era um tabelião então meu tio herdou um tabelionato era uma referência pra ele em Ipiaú era um suporte vamos dizer assim que era um irmão de minha mãe ele casou com minha mãe e Ipiaú devia...tinha um advogado se tivesse muito ele viu ali um começo de trabalho e ele começou a trabalharem Ipiaú e fez uma carreira muito segura, muito reconhecida mas era um homem muito atento à comunidade meu pai não se dava então meu pai não era um homem que simplesmente queria produzir e ganhar dinheiro e viver a vida dele, não. Ele era um homem que olhava *pro* vizinho, olhava *pro* trabalhador rural. A região sempre teve muito problema de exploração do trabalhador rural porque o cacau dava muito dinheiro, mas o trabalhador ganhava muito pouco e o trabalhador não tinha direitos quando se pagava décimo terceiro quando você pagava férias e ele vai acompanhando aquilo ele vai vendo a necessidade de é...influenciar a região a regularizar a vida do trabalhador rural ele começa a defender questões que ninguém queria defender tipo posseiros pessoas que às vezes ocupavam uma terra muito tempo mas que não tinham documento. Ele começa a ver muita injustiça dentro do direito e ele começa muito em prol do trabalhador.

**Marcelo:** O menos favorecido.

**Denise:** O menos favorecido, sempre. E um grande estudioso do homem. O meu pai era um homem que lia. Homem que escutava o outro. Então, ele, com isso, aprendeu. Então, meu pai

era uma pessoa que tinha uma visão do futuro muito grande porque ele estava sempre aprendendo com a prática, com a literatura. Ele somava as duas coisas.

**Marcelo:** Bom, ele como advogado já tinha uma grande carga literária, e isso o influenciava? Nessa sua meta como advogado?

**Denise:** Claro. Claro. Bom aí ele começa a atuar muito também na área criminal, mas para defender. Ele tinha uma política de jamais acusar. Sempre foi um advogado de defesa. E todos os jus [*Denise se refere aos processos que Neto fazia defesa*] que fazia, ele ganhava. Ele começa a ser conhecido na região. Durante esse tempo todo ele não escrevia. Meu pai vai escrever *Por que o homem não veio do macaco* em [19]45, em [19]46 *Berimbau* na faculdade, em [19]47 *Vida morta*. Meu pai fica sem escrever até [19]61 quando ele escreve *Os magros*. Mas esses dez anos...na década de [19]50 é de muito trabalho. Meu pai era um homem incansável. Trabalhava sozinho, não tinha secretária. Fazia tudo. Batia a máquina, atendia as pessoas. Nunca teve uma secretária, viu Adrienne. [*Adrienne Gallinari é artista plástica e mora em São Paulo. Estava presente nos primeiros momentos da entrevista*]. É muito engraçado isso.

**Adrienne:** Era um homem de fibra, né?

**Denise:** Um homem incansável. Bom, quando...chegando a década de [19]60...existia uma esperança muito grande no Brasil. Final da década de [19]50, Revolução Cubana, Che Guevara conhecido no mundo inteiro, Fidel Castro consegue entrar em Cuba e atuar no governo socialista. O mundo inteiro é...o confronto entre a União Soviética e os Estados Unidos, mas a China já *tava* comunista, o Brasil com desenvolvimento fantástico na década de [19]50 com a indústria automobilística, bossa nova bombando no mundo, a arquitetura bombando no mundo é...o futebol, Brasil...o Brasil campeão de futebol, então, meu pai é de uma geração de absoluto otimismo. Lúcio Costa vai pensar Brasília como uma cidade onde o senador e o motorista morariam no mesmo conjunto habitacional. Existia o ideal e eles acreditavam que o mundo podia ser igual. Bom, Ipirá, reeleição pra prefeito, e sugere o nome dele que é um nome já de liderança, um bom advogado, um homem sério, as pessoas confiavam nele.

**Marcelo:** Então, quer dizer, a literatura e a política sempre se misturaram na vida dele.

**Denise:** Sempre...sempre. Meu pai nunca parou de escrever, vamos dizer que oficialmente, mas ele escrevia todas as...as...como é que chama...tem um nome...é as atas não...como é que chama...é os textos jurídicos, as defesas...é tem um nome que você usa para os termos jurídicos. Então, ele sempre escreveu sozinho e ele sempre anotou, então, se ele *tava* aqui, tinha um grupo de pessoas, ele parava e falava depois eu vou conhecer e interrompia só por um minutinho. Ele anotava tudo, então, ele sempre tinha uma canetinha no bolso, sempre. Ele não formalizava isso pra publicar, as peças jurídicas, as peças jurídicas ele sempre escreveu. Então, meu pai nunca parou de escrever assim, formalmente. Mas em [19]61 ele vai publicar *Os Magros*. Em [19]62 ele entra pra política como prefeito. Leva quatro anos trabalhando muito. Para com direito e só atua como administrador.

Nessa parte da entrevista Denise se ausenta momentaneamente para cumprimentar uma grande amiga que acaba de chegar a sua casa de praia. Denise retorna após dez minutos.

**Marcelo:** Muito bem. Então, a gente *tava* falando um pouquinho sobre o lado político de seu pai, não é, sobre a literatura dele, depois que ele advogava para os menos favorecidos, mas a política e a literatura sempre estiveram imbricados, então, eles sempre estiveram...sempre foi um emaranhado. E daí, então...

**Denise:** Sempre. Bom, e aí eu acredito que meu pai volta a publicar em [19]79, [19]78 79...

**Marcelo:** *Comecinho do Poço Fundo...*

**Denise:** *Comecinho do Poço Fundo*, esses anos todos eram de muito trabalho. Então, ele não tinha tempo físico.

**Marcelo:** E antes teve um outro, teve *O Patrão* em 1978.

**Denise:** É. Em 1978, publica em [19]61, e volta pra [19]78 aí ele começa um período onde ele começa a pensar na aposentadoria dele, pelo menos no que se refere a direito. Por que que meu pai para com a advocacia? Porque meu irmão [*Marcelo Mendonça Teixeira*] forma em

direito em [19]82. No momento que meu irmão forma, ele se retira do escritório. Entrega o escritório pro meu irmão, ele fica meses...ele se retira e ele passa a só escrever. Aí ele tinha uma condição econômica que permitia que isso acontecesse. Ele não precisava, vamos dizer assim, trabalhar de fato pra ter a renda, os filhos todos formados. Ele é um homem muito pouco exigente economicamente, ele já tinha uma boa casa, uma boa fazenda, muito hábil nos negócios. Mas ele costumava a dizer que no momento que podia ficar rico ele parou. Ele parou, ele não comprou mais nada, ele entregou o escritório pro meu irmão e a fazenda que era...naquele momento o cacau *tava* com o preço muito bom ele entrega pro meu irmão o outro irmão [*Espartaco Mendonça Teixeira*] cuidar e ele vive com minha mãe de uma forma confortável mas nada de excessos. Em [19]77...não, em [19]73 o meu pai faz a primeira viagem pelo mundo. Até [19]73 meu pai conheceu o Brasil. Ele dizia que tinha ido do Oiapoque ao Chuí. Do leste ao oeste. Depois que ele conhece o Brasil todo, os extremos, os pontos importantes que ele entendia que dessa forma ele conheceria a economia, a sociologia do Brasil, meu pai passa a viajar pra fora, em [19]73. Ele lê nessa época *O Desafio Japonês*, ele fica encantado como o Japão sai da Segunda Guerra e consegue acompanhar mundial. Meu pai vai pro Japão. Pela primeira vez sai do Brasil e vai pro Japão. Isso continuando advogando, escrevendo as peças jurídicas, mas sem publicar nada de literatura, nem pra jornais escrevia. Em [19]77 meu pai vai dar uma volta ao mundo. Sai pelo Pacífico, volta pelo Atlântico. Ele quer conhecer a Índia, que tinha em Gandhi uma grande referência, e ele quer conhecer a Rússia que, na época, ainda era a União Soviética. Ele quer conhecer...saber funcionava o comunismo. [19]77 meu pai volta ainda advogando e aí começa a escrever. Ele começa a ter tempo de escrever. Ele já não tinha a necessidade de gerar uma renda, de manter filhos, então ele começa a escrever, já tinha uma condição econômica razoável. E aí ele volta a escrever que é o que ele mais gostava de fazer. Meu pai... apesar de ser um advogado, que também gostava muito de advogar, meu pai era um advogado inteiro, conhecia muito o direito. E aí ele começa a escrever...a escrever porque ele se permite porque ele tem tempo, porque ele não precisa mais produzir economicamente, vamos dizer assim.

**Marcelo:** A partir desse momento ele começa a escrever bastante para jornais, também.

**Denise:** Ao mesmo tempo ele começa a escrever pra jornal, inclusive o jornal regional, muito pro jornal regional, o jornal de Ilhéus, Ipiaú. Aí ele participava de tudo que acontecia na região, ele se interessava pela economia, ele se interessava pela política, ele tentava entender o tempo inteiro aquela antropologia, aquela sociologia, aquele funcionamento de uma

comunidade. Aí já em [19]90 a UESC [*Universidade Estadual de Santa Cruz*] pedi que ele faça um dicionário de termos regionais.

**Marcelo:** Que é excepcional!

**Denise:** É. Aí ele entrevista pessoas, ele anda com papezinhos no bolso, as pessoas vêm e trazem novos termos aí foi uma diversão pra ele. Então, a década de [19]90... a década de [19]80 e 90 é época de produção literária. Ele teve problema de saúde seríssimo em [19]94...seríssimo ele teve problema cardíaco e teve de ser operado...mas assim que ele se recuperou ele voltou a escrever. Ele dizia que escrever era como beber água. Ele tinha um fato, ele tinha necessidade de escrever.

**Marcelo:** Seu pai, quando ele escrevia, como existem muitos manuscritos na biblioteca dele, ele tinha um tempo determinado pra escrever e imediatamente já publicava, ou não?

**Denise:** Não.

**Marcelo:** Existia um espaço de tempo.

**Denise:** Ele escrevia pro jornal...aparecia um fato novo...*O Banco do Brasil*...aquilo era emergência...aí ele escrevia. Pesquisava, lia e escrevia. Mandava pro jornal.

**Marcelo:** Rascunhava, fazia manuscrito e imediatamente mandava publicar.

**Denise:** Ele mesmo datilografava. Ele mesmo...aí meu marido...quando surgiu o PC [Personal Computer] meu marido deu pra ele, de presente, um computador que ele achou o máximo. E ele trabalhava com o computador.

**Marcelo:** Porque um dos problemas do geneticista é identificar quando aquele manuscrito foi escrito. Né? Porque geralmente os autores não assinalam exatamente quando foi a época que começou e terminou aí a gente vai ver isso na publicação. Mas quando aquelas ideias começaram a gente fica...

**Denise:** Aquilo fervilhava dentro dele. Então, aqui...um assunto...na hora que você fosse embora...ele ia escrever...meu pai tinha uma disciplina absurda de trabalho. Então podia ter trinta pessoas aqui, ele tinha um momento que se recolhia...em qualquer lugar ele escrevia...podia ser nessa mesa [*mesa de jantar na casa de praia de Denise*]. Lá [*casa de praia do autor*] sempre no escritório, que era o lugar dele. Mas se ele tivesse aqui, no quarto dele aqui tem um mezanino que tem uma pequena escrivaninha. Era ali que ele escrevia. Mas ele podia escrever aqui também, se lá tivesse muita confusão. Mas no momento que ele sentia a necessidade de escrever, ele precisa parar e escrever.

**Marcelo:** Registrava aquele momento.

**Denise:** Registrava. Às vezes ele tinha um papelzinho, ele tinha uma cadernetinha que ele sempre anotava tópicos aí depois ele desdobrava tudo.

**Marcelo:** Agora... por que ele gostava tanto da Instituição Banco do Brasil? Isso tinha a ver com as pessoas do interior que trabalhavam na fazenda também?

**Denise:** Isso tinha a ver com a ajuda que o Banco do Brasil trouxe pra os produtores, os financiamentos... Por que o Banco do Brasil ele começa com a ideia não de lucro, mas de ajuda à comunidade. Por isso o Banco do Brasil.

**Marcelo:** Ele mostra muito no texto dele *O Banco do Brasil* publicado no livro *O Menino Traquino*...ele mostra bem isso na escrita dele.

**Denise:** Pois é. Era uma forma de ajudar com empréstimo, a com a devolução com juros baixos, era uma forma de ajudar o produtor, e não grande, era pequena.

**Marcelo:** Muito bem. Bom, ele também tem objetos pessoais na biblioteca, além de seus livros que são muitos, tanto literatura nacional quanto literatura internacional. Tem também enciclopédias, tem também objetos bem característicos dele como chapéu.

**Denise:** Muitos. Ali tem vários tipos de objetos. Ali tem objetos de viagem, tem objetos pessoais.

Denise interrompe, mais uma vez, para receber um grupo de amigos que acaba de chegar.

**Denise:** O interesse do meu pai é sempre o outro. Isso é uma coisa que você tem que ter em mente. O interesse do meu pai era melhor as condições do outro. E quando falo do homem, do homem pobre. Todo trabalho do meu pai é pra que as pessoas...as pessoas abandonadas...as pessoas que ninguém olha...que o Estado não olha...aquele homem que é analfabeto...aquele homem que não tem uma casa...aquele homem que não tem trabalho...aquele homem que tem um trabalho miserável...aquele homem que não consegue alimentar os filhos. As mulheres que ficam com os filhos e os homens vão embora. As mães de família que precisam trabalhar pra dar comida. Então, meu pai tinha um olhar, em primeiro lugar, pra esse sujeito...é que...*tá* abandonado. Isso permeava a cabeça dele. Quando ele escrevia pro jornal, quando ele escrevia a literatura dele, ele pensava nessas pessoas. Essa...essa.esse era o mote dele. O que fazer pra que essas pessoas melhorassem a condição de vida? Mas pra isso, ele *tava* atento pra isso, mas ele não abandonava o entendimento do mundo. Então, ele *tava* preocupado com a política mundial, ele *tava*...meu pai era um homem que tinha uma consciência ambiental na década de [19]60. Isso que é hoje comum meu pai pegou madeira queimada e transformou em móvel...os móveis todos da fazenda com madeira queimada. Que hoje é quase uma moda...o [Frans] Krajcberg, que é um artista plástico, ele vai fazer móveis...esculturas...meu pai pegava madeira queimada e transformou em mesa, em banco, em cama. Meu pai deixou a mata preservada pra que os netos conhecem uma mata da região. Meu pai tem um texto falando da água, em [19]83, que é de uma qualidade. Então, ele era um visionário, não por adivinhação, mas por conhecimento de causa. Como ele lia tudo, ele lia jornal, ele lia livro...ele observava...ele olhava as coisas, então, ele sabia do tomar da água, da preservação das nascentes, muito antes disso ser uma discussão mundial. Por conhecimento, por leitura, não porque ele era um advinho. Ele observava. Entao, você perguntou da organização dos objetos...aparentemente era um caos o escritório, porque tudo que ele *tava* trabalhando *tava* em cima da mesa. Ele sabia onde *tavam* os livros, existe uma ordem dele, se você achasse..entrasse você não acharia nada.

**Marcelo:** Não poderia organizar senão ele se perderia.

**Denise:** Ele dizia: “- Não arrumem. Não lipem!” Então, era um mundo de papel. Mas ele sabia. Quando ele morreu, eu entrei no escritório, eu organizei tudo. Por aí aconteceu uma



coisa engraçada. Um jovem de Ipiaú, que hoje tá formado em Direito, é um menino meio gênio que se interessava muito pela obra dele, se chamava Max Bandeira, se chama. Acabou de tirar um mestrado em São Paulo, na São Francisco. Max se interessava pela obra, um grande leitor, e eu pagava a Max uma quantia X pra que ele fosse uma vez por semana ou duas, e ele...ele separou, ele botou aqueles nomes: literatura francesa, literatura...romance...que não era assim [*a biblioteca de Euclides Neto está todo identificada por etiquetas afixadas nas prateleiras, que são: Ciências Políticas; Sociologia e Antropologia; História; Filosofia e Ciência; Educação; Economia; Periódicos e Obras Gerais; Medicina; História, Teoria e Crítica da Literatura; Direito; Religião; Generalidades; Poesia Baiana; Prosa Baiana; Jornalismo; Psicanálise; Diários, Correspondências e Relatos Pessoais; Antologias; Enciclopédias; Sermões do Padre Antônio Vieira; Obras de William Shakespeare; e Dicionários* ].

**Marcelo:** A publicação que é de jornal também tá toda em pasta?

**Denise:** Isso ele fez...

**Marcelo:** Manuscrito também todo guardadinho numa pilha?

**Denise:** Não, mas isso não foi ele que fez.

**Marcelo:** Pronto.

**Denise:** Aí...durante um período da vida dele, ele contratou uma moça que trabalha em Ipiaú, que trabalha até com um primo meu, ela ia um período, ela ajudava, ela organizava. Depois...depois ela saiu, que com a crise, menos dinheiro, ele aí não tinha essa pessoa, mas eu não sei por quanto tempo, a gente até saber exatamente, ela foi e organizava em pastas, depois ele mesmo organizava. Ele tinha tudo guardado. Eu achei correspondência dele com o eitor dos *Os Magros* numa pasta.

**Marcelo:** E toda a publicação de seu pai está nessa biblioteca ou ainda tem coisas em São Paulo ou na fazenda?

**Denise:** Não.

**Marcelo:** Hoje já está tudo lá.

**Denise:** Ele deixou tudo conservado lá.

**Marcelo:** Existiu alguma...existe alguma perda dessa publicação de que emprestou pra alguém não devolveram...

**Denise:** A primeira pessoa que pegou material lá foi você. Porque, até então, ninguém pegou nada. Nunca...precisa...precisava organizar melhor.

**Marcelo:** A prefeitura de Ipiaú nunca se interessou em fazer um museu?

**Denise:** Não. Agora tem um professor que chama Vitor Hugo, que é da UNEB [*Universidade do Estado da Bahia*] que ele criou um centro de estudos Euclides Neto. Mas nós não temos ainda...não conseguimos ainda nos desvincularmos o suficientemente pra dizer: “- Peguem isso e cuidem.” Porque a gente sabe que a coisa pública no Brasil é complicada.

**Marcelo:** Exato.

**Denise:** Mas uma hora a gente vai ter que fazer isso. Isso vai ter que sair dali e vai ter que ter um espaço. Como você teve acesso, outras pessoas...minha mãe deixa, às vezes, uma pessoa de confiança vem, entra, pesquisa...só se tirou sem a gente saber, mas em princípio a gente tem um controle de tudo, mas uma hora aquilo tem que vir ao público, com certeza. Porque as pessoas, inclusive, como você que quer conhecer a Bahia vão pesquisar a obra dele.

**Marcelo:** Exatamente. E eu fiquei conhecendo, assim numa conversa informal com seu irmão [*Patrício Teixeira Rezende Neto*].

**Denise:** Não. E agora tem um menino...filmando, um menino fez um documentário lindo sobre ele, e agora pegou um conto que é do *O velho e as três crianças* [*na verdade o título seria “O velho e os três meninos” que narra a invasão de três meninos de rua à casa de Jeremias*] e tá fazendo um curta metragem. Conseguiu um dinheiro da Lei Rouanet e vai fazer agora um curta metragem sobre um conto.

**Marcelo:** Que maravilha!

**Denise:** Então, tem divulgação de gente que nunca conheceu ele, mas que eles se encontram no trabalho dele.

**Marcelo:** Porque ele também como escritor regional, ele é de extrema importância, não só na economia e política da região, mas da Bahia e, falando de Bahia, a gente *tá* falando de Brasil, naturalmente.

**Denise:** É. E porque, também, ele é um escritor regional e universal. Então, se você ler *O tempo é chegado* de contos, tem contos que são universais.

**Marcelo:** Exato.

**Denise:** Que podia ser escrito ali, mas poderia ter sido escrito na Rússia ou na China. O trato é o ser humano, né?

**Marcelo:** Algum dos romances dele ou, então, alguma das crônicas dele já foi traduzido pra outras línguas?

**Denise:** Não. Mas teve indicação. Quando o primeiro mestrado foi feito, de Elieser Cesar [detentor de vários prêmios de reportagem, lançou o livro de ensaio “*O romance dos excluídos – Terra e política em Euclides Neto*”, fruto de sua dissertação de mestrado] na banca tinha um francês, que é um cônsul da Bahia, que não lembro agora o nome dele, e ele disse isso na banca que seria muito interessante que fosse traduzido.

**Marcelo:** Ótimo. E agora, no momento, vocês estão fazendo a biografia do pai de você?

**Denise:** Agora eu *tô*...eu escrevi o projeto Lei Rouanet de reedição de toda a obra. E a gente conseguiu já o patrocínio de uma parte e a editora EDUFBA *tá* como parceira também.

**Marcelo:** Ótimo.

**Denise:** Então, a gente vai reeditar os treze volumes e a gente *tá* fazendo uma biografia.

**Marcelo:** Existe também um volume que foi editado depois da...

**Denise:** *O tempo é chegado.*

**Marcelo:** Exatamente.

**Denise:** Quando ele morre, deixa esse livro pronto com título e tudo.

**Marcelo:** Então, na verdade só foi feita a publicação? Até, então, já *tava* tudo pronto e revisado por ele mesmo?

**Denise:** Tudo. Ele *tava* pronto. Ele não viu a capa. A capa foi a gente que editou em São Paulo. A...UESC publicou mas a gente fez toda a produção, a criação a gente fez lá. Agora os objetos que você queria. Quando viajava, meu pai comprava pequenas estátuas, pequenas esculturas. Meu pai dava muito valor aos objetos feitos com materiais é...naturais. Naturais e de cada região, então, por exemplo, se ele...ele tinha uma escultura...esculturas que, hoje em dia, as pessoas nem compram, eventualmente falando não é correto. Mas quando ele via, tinha umas esculturas de marfim, quando ele foi pra Hong kong, ele ficava encantado com aquele material natural ou com objetos de osso. Tudo que era feito de uma origem natural, ele se encantava. Sempre com algum significado, né, então, tinha de marfim os três macacos – não vejo, não escuto, que é a justiça, o símbolo da justiça, né, não vejo, não falo, não escuto – então, ele tinha sempre um objeto que fazia menção, um barco que era um objeto de trabalho, os chineses, então, ele comprava uma barco de ferro. Nada era gratuito. Tudo tinha um...

**Marcelo:** Tinha o seu porquê, a sua razão.

**Denise:** Tinha. Tinha. Tinha sua origem, alguma coisa que interessava a ele que era significativo pra um grupo, uma comunidade.

**Marcelo:** Ele dava muito...parece que ele dava muito valor às coisas produzidas pela mão e local, aquela cultura local.

**Denise:** Sempre. Sempre objetos que tinha a ver com a cultura, com a produção. O chapéu, mas como meu pai *tava* careca, ele ia muito pro sol, ele montou muito a cavalo e, ele...era um homem que ia ver o trabalho que *tava* sendo feito, ele ia até o lugar, passava informação porque ele escutou, precisava ver.

**Marcelo:** Ele participava do momento.

**Denise:** É. Ele participava muito. Ia...ele ia, ele não tinha preguiça.

**Marcelo:** E no ato de escrever a gente também percebe que ele não tem medo de dar nome aos bois.

**Denise:** Não.

**Marcelo:** Ele situa, né, algum acontecimento histórico, ele dá nome aos personagens, nome às pessoas e por que aquilo aconteceu.

**Denise:** E criava algum problema com isso, né? Pois ele se dispôs muito com o ex-governador morto Antônio Carlos Magalhães porque na hora que ele tinha que falar, ele falava e teve ameaça de morte, por conta disso. Então, ele não temia. Não temia. E as bengalas e por que ele tinha o facão dele quando ele saía montado a cavalo ele levava pra cortar alguma coisa no mato e, o chapéu, porque ele tinha o boné que era sempre de tecido ou de palha, ele detestava plástico, detestava tudo aquilo que não fosse natural. E, os objetos, ele ganhava também muita coisa, os amigos viajavam e traziam sempre, também, uma lembrança, muito querido, né?

**Marcelo:** E preservava tudo até os manuscritos.

**Denise:** É, preservava. Do jeito dele sem nenhum ordenamento visual, mas tudo ali, tudo ali. Ele tinha...engraçado...mas do mesmo jeito, por exemplo, tinha uma coisa no escritório muito interessante, uma palmatória que uma professora deu a ele, uma palmatória de dar bolo em menino foi usada.

**Marcelo:** Olha só.

**Denise:** Ele sabia o valor dos objetos. Ele sabia que os objetos contavam as histórias.

**Marcelo:** E, de fato, contam.

**Denise:** De fato, contam. Não era pra enfeite. Era pra revelar uma história, uma circunstância, né?

**Marcelo:** Ok. Então, acho que é isso.

**Denise:** É isso aí.

**Marcelo:** Agradeço muito pela entrevista, Denise.

**Denise:** Eu gostei muito de falar porque a gente vai construindo um pouco também o que a gente...agora eu tenho um texto que...

**APÊNDICE B** - Fotos tiradas por Marcelo Pereira Custódio na biblioteca de Euclides Neto em Ipiaú em junho de 2011.

Figura 41 - Chapéus



Figura 42 – Jornal Tribuna da Bahia



Figura 43 – Euclides Neto se torna prefeito de Ipiaú – 30/10/1962.



Figura 44 - Euclides Neto se torna prefeito de Ipiáu – 30/10/1962.



Figura 45 – Primeiro jornal de Ipiáu – 10/02/1960.



Figura 46 - Primeiro jornal de Ipiáu – 10/02/1960.





Figura 47 – Livros de Biografias e Ciências Agrárias



Figura 48- Obras de escritores brasileiros

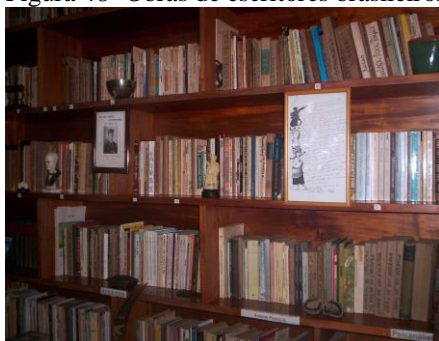


Figura 49 – Dicionários, obras de Padre Antônio Vieira e William Shakespeare



Figura 50 – Retrato de Euclides Neto



Figura 51 – Livros de Ciências Humanas



Figura 52 – Escrivadinha de Euclides Neto



Figura 53 – Armário com documentos



Figura 54 - Obras de escritores brasileiros



Figura 55 - Obras de escritores brasileiros



Figura 56 - Obras de escritores brasileiros



Figura 57 - Entrada principal da biblioteca

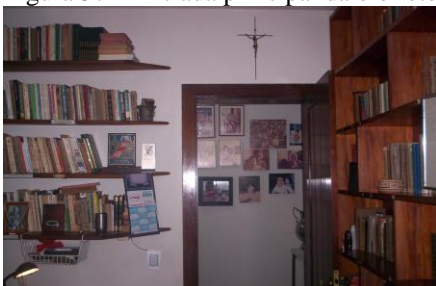


Figura 58 - Livros de Ciências Humanas



Figura 59 – Livros de Ciências Humanas



Figura 60 – Livros de Ciências Humanas



Figura 61 – Enciclopédias



Figura 62 – Canto de leitura na biblioteca



Figura 63 – Visão panorâmica à direita da entrada

